

O Método no artigo da Suma teológica de S. Tomás, Homem de diálogo e “Mestre de todos” (Leão XIII)

Summary

The Summa Theologica of St. Thomas has been compared to a Medieval Cathedral because of its harmonious structure. As Cathedrals were built with thousands of stones, similarly the Summa is made up of 2669 articles, each one being formed of the same elements and structure. Every article begins with a number of objections, then there is the statement to the contrary (sed contra), followed by the presentation of St. Thomas' solution, and finally the article is concluded with the responses to the objections.

The following article studies the pedagogical reasons for this procedure or method used by St. Thomas. The author first shows to what extent St. Thomas lived in constant dialogue with all the theologians and scientists who came before him as well as those of his own time. Additionally he was constantly in contact with the students. The author then shows the origin of this method in platonic and aristotelian works as well as in the life of the universities of the twelfth and thirteenth century.

In the main part the author discusses the individual parts that make up each article. First he explains why St. Thomas formulates the question contrary to the truth which is in the end affirmed, then the objections as a sign of his scientific sincerity, humility and ascetic honesty, his pedagogical sensitivity and unique and profound love for the truth. A further aspect is their material and formal composition within the context of the article as a whole. A short description of the argument sed contra and the discussion of its role within the structure of the article follows. Discussing other opinions, the author considers the corpus of the article, with the solution of the question, its center. It becomes clear that the whole power of the discourse lies in the logical

procedure from general principles to concrete solutions. Concerning the answers to the initial objections, the author especially emphasizes the unity of the entire article and the personal sobriety in the debates of St. Thomas. In the fourth part the author proposes to show why the pedagogical structure of the articles of the Summa would qualify St. Thomas as a teacher today, and that in the many discussions of the present time the faithful observance of this method would make them more fruitful. The article concludes pointing out permanent value of this method used in the Summa Theologiae.

* * *

Vivemos no século da comunicação. Todo o globo está, cada vez mais, circundado por redes de ondas, como a “internet”. No entanto, apesar de não parecer ser verdade, neste tempo se fala cada vez mais de solidão e isolamento. Os meios de comunicação bombardeiam os homens intensamente, mas comunicam só unilateralmente. Eles não deixam espaço para uma reação do homem e, muitas vezes, nem para cultivar um contato humano com o seu próximo até mesmo no lar; além de não incentivarem a atos criativos. Apesar disto, o “diálogo” tornou-se “in”, porém só entre poucos responsáveis, e como “expressão ... do pluralismo teórico que por muitos é considerado a única posição certa”¹. Ele não tem mais a função de procurar a verdade. Uma das causas é a linguagem tão especificada nas diversas disciplinas de modo que a comunicação se torna difícil. Mas o homem continua a procurar a verdade. Ele precisa conhecê-la para não errar.

Analisando a vida universitária do século XIII e o estilo e método de certas obras de Santo Tomás, Josef Pieper reflete sobre as regras do diálogo medieval: “Imaginemos por um momento, uma regra daquele tempo que seria, hoje em dia obrigatória, de modo que uma ofensa contra ela

¹ Leo J. ELDERS, *Der Dialog beim heiligen Thomas von Aquin*, em: *Doctor Angelicus. Internationales Thomistisches Jahrbuch*, Köln, vol. II, 2002, 34-56, 35; cf. A. DI MAIO, *Il concetto di comunicazione. Saggio di lessicografia filosofica e teologica sul tema di 'communicare' in Tommaso d'Aquino*, Roma, 1998.

significaria automaticamente a desqualificação: nem podemos pensar qual purificação da atmosfera podia isto significar para a discussão pública!”²

Devido a tanta urgência de uma mudança neste fundamento da vida humana, achamos válida a idéia de seguir esta indicação e ver na vida intelectual da Idade Média e, particularmente, em Santo Tomás, como se pratica o diálogo. Queremos aqui apenas considerar o artigo sob este ponto de vista em sua obra principal, na *Summa Theologica*.

I. Santo Tomás de Aquino como homem de constante diálogo

Santo Tomás de Aquino (1225-1274), “o Boi mudo da Sicília”³, reconhecido como um dos grandes mestres da humanidade, “o príncipe e mestre de todos”⁴ foi um homem de constante diálogo. Ainda hoje são lidos os seus escritos, além de serem publicados na língua original latina como em diversas traduções. Suas obras foram as primeiras a ser escolhidas para serem inseridas nos sistemas digitais.⁵

Nascido em Roccasecca, entre Roma e Nápoles, italiano, mas do lado do pai e da mãe de sangue germânico⁶, era “de uma natureza recolhida, rica de vida interior”.⁷ Toda a sua vida foi dedicada à contemplação e à procura da verdade.⁸ O seu estado de vida, pela sua consagração a Deus

² Josef PIEPER, *Thomas von Aquin - Leben und Werk*, em: ID., *Werke*, Meiner, Hamburg, vol. 2, 2001, 153-298, 228.

³ Carlos Arthur R. NASCIMENTO, *Santo Tomás de Aquino. O Boi mudo da Sicília*, Editora da PUC-SP, São Paulo, 1992. O apelido de Santo Tomás “o boi mudo” teve sua origem numa palavra profética do seu mestre Alberto Magno (cf. WILHELM VON TOCCO, *Das Leben des heiligen Thomas von Aquin*, em: W. P. ECKERT, *Das Leben des hl. Thomas von Aquin*, Dusseldorf, 1965, 77-177, cap. 12, 95).

⁴ LEÃO XIII, *Aeterni Patris*, 21.

⁵ Ao cuidado de Roberto Busa SJ, *Index thomisticus*, frommann-holzboog, Stuttgart-Bad Cannstadt, 1980. As obras de Santo Tomás são acessíveis na Internet no endereço <www.unav.es/filosofia/alacron/amicis/ctcorpus.html>. Para outras informações, como bibliografia atualizada e eventos, pode-se consultar <www.doctor-angelicus.com>.

⁶ Cf. PIEPER, *Werke* 2, 162-163.

⁷ M. GRABMANN, *Santo Tomás de Aquino*, Ed. Labor, Barcelona - Buenos Aires, 1930, 29.

⁸ “Temos por firme propósito manifestar, na medida do possível, a verdade que a fé católica professa, eliminando os erros contrários a ela” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, livro I, capítulo 2 [= S.c.G. I, 2], [trad. por Dom Odilão Moura, OSB], Porto Alegre, vol. 1, 1990, 21).

na Ordem dos Pregadores (OP), ofereceu as melhores condições para isto. Porém, esta Ordem se comprometeu também a pregar, a comunicar o que contemplavam. Do próprio Santo Tomás vem a breve característica de sua Ordem: “Contemplata aliis tradere”⁹.

Esta segunda característica foi o motivo pelo qual ele não ficou escondido num mosteiro. Santo Tomás começou a estudar filosofia com catorze anos em Nápoles. Quatro anos mais tarde foi mandado ao norte da Europa para estudar com Santo Alberto Magno e para qualificar-se como pregador e professor.¹⁰

Depois desta primeira viagem o nato contemplativo não parou mais por muito tempo no mesmo lugar. É chamado para lecionar nas recém fundadas Universidades. Lá, a sua missão tornou-se a de justificar a razão humana como “serva” da revelação e defender a presença dos religiosos no ensino universitário. Foi chamado a pregar nas cerimônias quaresmais nas paróquias; além de fundar um estudo superior para os seus confrades. O Papa pediu que respondesse às teorias cismáticas de grupos orientais. Com grande interesse pessoal, Santo Tomás gostava de confrontar-se com várias perguntas dos jovens universitários e dos seus confrades; enfim, foi convidado a participar no II Concílio de Lião. Logo, Santo Tomás foi chamado constantemente a participar nos diálogos mais importantes do seu tempo.

Em todas as discussões, o Santo Doutor procurou sempre e unicamente a verdade. Por amor a ela, não se deixou abalar pela vida agitada de tantas viagens e discursos. Estava sempre compenetrado, mesmo no meio de um banquete com o Rei da França¹¹. Tentou conhecer tudo o que os

⁹ Santo Tomás, *Summa theologiae*, parte II-II, questão 188, artigo 6 (= *S.Th.* II-II, q. 188, a. 6).

¹⁰ Cf. Jean-Pierre TORRELL, *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e sua obra*, Edições Loyola, São Paulo, 1999, 23-42; nesta obra encontra-se um precioso “Breve Catálogo das Obras de Santo Tomás” com um resumo de cada obra (385-418) e uma rica “Bibliografia” internacional, mesmo limitada a fontes utilizadas neste mesmo volume (421-457). Para outras fontes bibliográficas cf. James A. WEISHEIPL, *Tomás de Aquino. Vida, obras y doctrina*, EUNSA, Pamplona, 1994, 409-459; “Catálogo breve de obras autênticas”, e Fernando Arruda Campos, *Tomismo hoje*, ed. Loyola, São Paulo 1989, com bibliografia extensa sobre Santo Tomás de Aquino e sua obra, sobre o neotomismo e obras de 42 filósofos neotomistas (369-393); David BERGER, *Einführung in die „Summa theologiae“ des hl. Thomas von Aquin*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 2004, V, 2.

¹¹ Cf. Tocco, cap. 43, 141-143.

antepassados já haviam descoberto. Como o seu mestre Alberto Magno, aprofundou-se em quase todos os assuntos: comentou os livros de biologia, meteorologia, lógica, ética e metafísica de Aristóteles, as obras místicas de Dionísio Areopagita e as reflexões trinitárias de Boécio. Leu, como haviam feito todos os jovens professores, as Sentenças de Pedro Lombardo, e comentou os livros da Sagrada Escritura, do Antigo Testamento: os Salmos (em parte) e Jó, o Cântico dos Cânticos, os profetas Isaías e Jeremias e do Novo Testamento: os evangelhos de São Mateus e São João, além de todas as cartas de São Paulo e juntou, na *Catena aurea*, os comentários dos Padres da Igreja aos quatro evangelhos.

O Santo Tomás dialogante mais vivo encontra-se nas *Quaestiones quodlibetales*¹² com 510 artigos. Estas refletem as discussões semanais, de caráter privado, com os estudantes. As *Quaestiones disputatae*, com 260 artigos, baseiam-se nas discussões públicas, que a universidade organizava duas vezes por ano, antes do Natal e na Quaresma.

Mesmo nas suas obras sistemáticas encontra-se imediatamente o próprio Tomás diante de si, seja na *Summa contra gentiles*¹³, “um manual excelente para os missionários”¹⁴ com 463 capítulos, seja na *Summa Theologiae*¹⁵, o manual para os seus alunos de teologia¹⁶. A *Summa*

¹² “Sabemos que Tomás ofereceu regularmente durante os três anos de 1256 a 1259, dois grandes debates por semana” (PIEPER, *Werke* 2, 227); eles demoraram, pelo menos duas horas (cf. ELDERS, *Der Dialog*, 34). Mas também não faltaram no programa no “segundo período de ensino em Paris (1268-1272)” (TORRELL, 229; cf. 229-260). A última edição destas *Quaestiones disputatae* em língua moderna é a do espanhol: Santo Tomás de Aquino, *Opúsculos y cuestiones selectas*, vol. I: Filosofia 1, BAC, Madrid 2002.

¹³ Para a primeira tradução portuguesa em dois volumes (vol. 1, 1990; vol. 2, 1996), cf. acima nota 8.

¹⁴ C. VANSTEENKISTE, cit. em TORRELL, 125, nota 47, segundo a compreensão tradicional. TORRELL afirma, que “Pe. Chenu ... refutava” esta compreensão deste livro “enfaticamente...: ‘(a) Suma [contra os Gentios] supera em muito um manual missionário, mesmo que concebido para ir ao encontro das elites (...). Ela tampouco visa especialmente a Averroes; é todo um conjunto de errantes, pagãos, muçulmanos, judeus e hereges que são examinados e criticados’ (CHENU, *Introduction*, pp. 247-8)” (TORRELL, 123).

¹⁵ Depois da tradução de Alexandre Corrêa, Porto Alegre 2^a 1980-1981, está-se publicando uma nova tradução pelas edições Loyola desde 2001, apoiada por introduções úteis: Marie-Joseph NICOLAS, *Introdução à Suma Teológica*, vol. 1, 21-68, e *Vocabulário da Suma Teológica*, *ibid.*, 69-102; Claude GEFFRÉ, *A Teologia como Ciência*, *ibid.*, 125-133.

¹⁶ “Nos propusemos nesta obra expor o que se refere à religião cristã do modo mais apropriado à formação dos iniciantes” (“Prólogo” à *S.Th.*). Para não colocar ao lado esta

Theologiae é dividida em três partes, 38 tratados, 512 questões (sem as do Suplemento) e 2669 artigos. Ela é uma imensa coleção com mais de 10.000 idéias e opiniões, com as quais ele se confronta analisando, discutindo e respondendo, para determinar mais precisamente a verdade única. Ela reflete o contato vivo de Santo Tomás com os seus alunos como com todos os pensadores.¹⁷ “Também os capítulos da *Summa contra Gentiles* são expressão deste esforço incrível de incluir toda a tradição filosófica e teológica no próprio pensar. Por isso, podemos dizer que Santo Tomás cultivava um diálogo quase ininterrupto com a Bíblia, com a Tradição da Igreja, com os Padres, especialmente Santo Agostinho, com Aristóteles e outros filósofos, como Avicena, Averroes, Cícero etc., mas também com autores contemporâneos, aos quais ele se refere com um *quidam*”¹⁸, que significa, “certas pessoas”.

Santo Tomás, sem dúvida nenhuma, foi um homem de constante diálogo. Esteve em diálogo direto com as pessoas do seu tempo, da mesma forma que cultivou constantemente o diálogo indireto ou “virtual”¹⁹ com todos os autores passados, pagãos ou judeus, gregos e romanos, clero

Obra depois deste prólogo, precisa-se juntar logo uma avaliação objetiva e à distância de séculos: “A Suma teológica de Sto. Tomás de Aquino não é apenas uma obra interior à religião cristã, à Igreja católica, mas um grande empreendimento do espírito, uma construção intelectual consciente e desejada que um sopro poderoso anima, não só o de uma alma, de uma vontade, mas de um pensamento excepcionalmente unificado e unificante. Pela própria clareza e alcance de suas tomadas de posição em todos os campos, o pensamento de Sto. Tomás se oferece à discussão, à crítica, mesmo à oposição. Nunca ao desdém ou à rejeição.” (NICOLAS, *Introdução*, 30)

¹⁷ “Na Suma Teológica, cada parte, cada tratado, cada questão, cada artigo e cada parte do artigo acham-se realmente no lugar que lhes convêm. O trabalho de sistematização realizado por S. Tomás na Suma consiste, essencialmente, numa ordem exterior e numa sequência interior...” (Martin GRABMANN, “*Introdução à Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino*”, em: TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, vol. I, Porto Alegre 21980, XIX-LXVI, XLI; cf. ID., *Santo Tomás de Aquino*, 27-50; TORRELL, 167-186).

¹⁸ ELDERS, *Der Dialog*, 35. Uma exceção da aplicação deste método encontra-se nas obras “de una finalidad de instrucción espiritual para uso personal, como el Compendium Theologiae, o para uso común, para el pueblo creyente, como las Collationes catechetice” (Clemens M. VANSTEENKISTE, *El Metodo de Santo Tomas*, em: AA.VV., *Tomas de Aquino, tambien hoy*, Univ. de Navarra, Pamplona, 21990, 95-120, 117); destes foram traduzido e publicado em português por Dom Odilão Moura, OSB, o *Compêndio de Teologia*, Ed. Presença, Rio de Janeiro, 1957, e *Exposição sobre o Credo*, Ed. Loyola, 1981.

¹⁹ Assim ELDERS, *Der Dialog*, 34 e 35.

diocesano e religioso, cientistas, filósofos e teólogos. Santo Tomás merece um lugar especial pelo seu diálogo com os pensadores árabes e judaicos do seu tempo, afirma João Paulo II.²⁰ Tomás escuta a todos, tenta entendê-los e responde-lhes com seus escritos.

Isto é a razão, porque o Papa Leão XIII escreveu na sua encíclica sobre a Filosofia *Aeterni Patris*, no ano 1879:

Entre todos os doutores escolásticos, brilha como astro fulgurante, e como príncipe e mestre de todos, Tomás de Aquino, o qual, como observa o Cardeal Caetano, ‘por ter venerado profundamente os santos doutores que o precederam, herdou, de certo modo, a inteligência de todos’ (*S.Th.* II-II, q. 148, a. 4). Tomás coligiu suas doutrinas, como membros dispersos de um mesmo corpo; reuniu-as, classificou-as com admirável ordem, e de tal modo as enriqueceu, que tem sido considerado, com muita razão, como o próprio defensor e a honra da Igreja. ... O santo Doutor chegou ao seguinte resultado: debelou todos os erros do tempo passado, e propiciou invencíveis armas para os que haviam de aparecer nos tempos futuros.²¹

II. Santo Tomás de Aquino como discípulo do seu método no artigo da *Summa Theologiae*

Em toda a organização das duas Sumas, na determinação das questões, na escolha dos temas dos artigos e da sua sequência, Santo Tomás decidiu o assunto, o conteúdo, a doutrina. Porém, há uma outra questão, a metódica. Ela foi decisiva sobre a estrutura dos artigos, que é igual em todas as questões da *S.Th.*, o que se verifica quase somente nesta obra.

Nas *Quaestiones disputatae*, o “fruto” dos grandes debates antes do Natal e na Quaresma, como na *Summa contra Gentiles*, Santo Tomás preferiu apresentar antes mais argumentos do que menos, seja contra a sua solução, ou em seu favor; depois tratou do assunto em si e respondeu às opiniões citadas.²² Já nestas obras, Santo Tomás tentou descobrir a verdade a partir das dúvidas e fez questão de considerar cada dúvida ou

²⁰ JOÃO PAULO II, *Fides et ratio*, (1998), 43.

²¹ Leão XIII, *Aeterni Patris. Encíclica sobre a Filosofia*, Ed. Presença, Rio de Janeiro 1981, n. 22, 30-31.

²² “As Questões disputadas têm uma relação muito particularmente íntima com a Suma Teológica; ... seu assunto é o mesmo. ... distinguem-se sobretudo pelo seu caráter de investigação e profundeza; só pelo fato de se originarem diretamente da discussão, os

questão possível, de modo que as objeções podiam até ser mais que vinte.²³ Nelas predomina a vontade de não perder nenhum pensamento, pois em tudo se pode encontrar algum aspecto da verdade.²⁴ Nas *Quaestiones quodlibetales* parece não haver preocupação pedagógica nenhuma: em cada questão pode-se encontrar perguntas sobre tudo.²⁵

Só na *S.Th.*, considerada “uma jóia de arte didática”²⁶, Santo Tomás deixou-se conduzir, em primeiro lugar, pela preocupação de um ensino pedagógico: os candidatos ao sacerdócio deveriam conhecer as razões da verdade. Diante deste fim, Santo Tomás conscientemente escolheu, nos artigos, um único método concreto, que aplicou fielmente em cada artigo desta grande obra. Ele deve ter-se convencido bastante sobre o valor desse método. De modo semelhante, já era utilizado, no seu tempo, nas universidades nascentes. Ele o desenvolveu mais e aperfeiçoou em serviço da sua procura da verdade.

argumentos e os contra-argumentos (*sed contra*) apresentam um fundo de idéias bem mais rico que o poderia fazer a Suma Teológica, dada a sua finalidade” (GRABMANN, *Introdução*, XXVIII).

²³ Que Santo Tomás sempre pensou nestes termos de diálogo vê-se nos seguintes exemplos; eles, porém mostram também, que ainda não tinha a clareza da estrutura como na *S.Th.*. Cf. por ex. na Suma contra os Gentios, Santo Tomás trata do pecado original em três capítulos: 1º oferece as razões em favor (cap. 50), depois apresenta as objeções contra (cap. 51) e, por fim, responde a elas (cap. 52). A respeito dos motivos da Encarnação procede primeiro pelas - não menos que 27 - razões contra (cap. 53); a estas junta as razões em favor (cap. 54) antes de responder aos 27 motivos um por um contra a conveniência (cap. 55). No *De Veritate* encontramos todas as partes, e plenamente elaboradas, de modo que, por exemplo, na q. 1, artigo 1, Santo Tomás apresenta 7 argumentos para uma opinião, em seguida, menciona 5 argumentos para uma outra (“*sed contra*”), e depois de sua solução, oferecida no corpus do artigo, toma posição a todos os argumentos, isto é, responde às 7 e 5 opiniões; de modo semelhante coloca no art. 4 sete argumentos contra oito; no artigo 5 enumera 22 objeções. Isto já mostra o que GRABMANN consta: “Enquanto, na Suma contra os Gentios, emprega S. Tomás um processo de exposição completamente livre, reveste os artigos da Suma teológica da técnica então em uso, fundada na oposição dos argumentos ‘pro’ e ‘contra’.” (GRABMANN, *Introdução*, XXXVI).

²⁴ “Tomás adota este ditado notável: ‘Tudo o que se diz de verdadeiro, quem quer que o diga, vem do Espírito Santo.’” (NICOLAS, 33; cf. por ex. *S.Th.* I, q. 12, a. 12 ad 3; *In Metaph.* II, 1; ed. Marietti (=Ma), n. 275 etc.).

²⁵ Segundo Torrell, a Suma contra os Gentios foi escrita nos anos 1259-1265 (cf. TORRELL, 113-136 e 388), as *Quaestiones disputatae* entre os anos 1265-1272 (cf. TORRELL, 233-240 e 389-392) e as *Quaestiones quodlibetales* entre 1255-1272 (cf. TORRELL, 240-247 e 392-393).

²⁶ GRABMANN, *Santo Tomás de Aquino*, 35.

Por isso, temos a esperança de poder encontrar neste método aspectos ainda hoje válidos e úteis para a pedagogia ou a aprendizagem da verdade. A ele, então, dirigimos a nossa atenção.²⁷ Vamos ver primeiro em que consiste o artigo e depois conhecer o próprio Santo Tomás como discípulo de uma metodologia que procura as raízes do melhor modo como proceder na busca da verdade.

1. A estrutura do artigo na *Summa Theologiae*

Santo Tomás abre os artigos com uma afirmação provável ou improvável: “*Videtur quod* - parece que...” ou: “*Videtur quod non* - parece que não.”²⁸ Depois deixa seguir algumas opiniões, que não correspondem à sua posição ou exprimem apenas uma parte da verdade, por isso, são geralmente chamadas “*obiecta-objeções*”²⁹ à sua opinião.

Contra estas, isto quer dizer “*sed contra - em sentido contrário*”, Santo Tomás cita a posição de uma autoridade reconhecida, natural ou sobre-

²⁷ Sobre a questão da estrutura do artigo na *S.Th.* trataram F.A. BLANCHE, *Le vocabulaire de l'argumentation et la structure de l'article dans les ouvrages de saint Thomas*, em: *RevSciePhilTheol* 14 (1925) 167-187; Reginald GARRIGOU-LAGRANGE, *De methodo Sancti Thomae speciatim de structura articularum Summae Theologiae*, em: *Angelicum* 5 (1928) 499-524; GRABMANN, *Introdução*, II, 3 (XXXV-XLVII); Albert PATFOORT, *Tommaso d'Aquino. Introduzione a una teologia*, Casa editrice Marietti, Genova, 1988; Wilhelm METZ, “*Aufgehobene Mündlichkeit*”. *Artikel-Struktur und “ordo disciplinae” der Thomasischen “Summa Theologiae”*, em: *Philosophisches Jahrbuch*, 103, 1996, 48-61; Id., *Die Architektonik der Summa Theologiae des Thomas von Aquin. Zur Gesamtsicht des thomasischen Gedankens*, Meiner Verlag, Hamburg 1998; M. OFILDA MINA, *The Role of the Teacher as a condescending Mediator as Viewed from Aquina's notion of Sacra Doctrina and its bearing on the Nature of the Theological Enterprise*, em: *Angelicum* 77 (2000) 373-396; Christopher BAGLOW, “*Modus et forma*”. *A new approach to the Exegesis of Saint Thomas Aquinas*, Roma 2002. - Infelizmente, Martin GRABMANN (1875-1949) não terminou o seu estudo sobre o método. No prefácio ao primeiro volume da sua *Die Geschichte der scholastischen Methode*, no ano 1909, escreve que quase já colheu todo o material para o segundo e o terceiro volume, que aparecerá em breve, se Deus lhe conservar ainda a força e saúde. Publicou ainda o segundo volume, mas não o terceiro, que “tratará do método de trabalho científico de Santo Tomás e dos seus contemporâneos na teologia, isto é, com o aperfeiçoamento do método escolástico na era da alta escolástica.” (Martin GRABMANN, *Die Geschichte der scholastischen Methode*, vol. I: *Die Scholastische Methode von ihren ersten Anfängen in der Väterliteratur bis zum Beginn des 12. Jahrhunderts*, (1909), Akademie-Verlag, Berlin 1957, VIII).

²⁸ Seguiremos a tradução das edições de Loyola, 2001ss., já publicada.

²⁹ Por ex. *S.Th.* I, q. 1, a. 4.

natural; algumas, e não raras vezes, apresenta somente um raciocínio muito simples.³⁰ Isto indica a sua posição pessoal diante do tema e das objeções.

Estendida assim a área principal da discussão, o leitor é preparado para a própria reflexão de Santo Tomás, para a sua solução do problema. Isto forma o “*corpus*” do artigo, quer dizer, o coração e centro, o essencial. O mestre começa com o esclarecimento dos termos e vai ao núcleo do problema. Depois discute o tema seguindo um fio claro de argumentação ou silogismo. Normalmente, limita-se a um argumento principal e essencial. Só algumas vezes, abre ainda espaço para ponderar várias soluções oferecidas com raciocínios, concluindo com a sua opinião preferida.³¹ Na maioria dos casos, ele encerra esta parte com uma frase conclusiva, bem clara e breve, marcada com um “*Et sic - Assim*”, “*Ergo - logo*”, ou “*Unde - então*” etc.

Os artigos terminam com as *respostas* às objeções. Normalmente, Santo Tomás responde simplesmente aos argumentos e às idéias apresentadas nas objeções. Às vezes, ele só remete para o argumento ou argumentos apresentados no *corpus* do artigo ou para uma resposta anterior, quando dela se pode concluir a resposta à objeção.³²

Mostramos isto com um exemplo concreto. Um dos artigos mais famosos e exemplares para a estrutura do artigo é o artigo 3 da segunda (2ª) questão na primeira (1ª) parte³³:

Artigo 3: Deus existe? - *Utrum Deus sit.*

³⁰ Por ex. em *S.Th.* I, q. 67, a. 4.

³¹ Por exemplo, na questão sobre o significado de “luz” no primeiro dia da criação, *S.Th.* I, q. 67, a. 4.

³² Por exemplo, responde, terminado o *corpus*, à primeira objeção assim: “Quanto ao 1º, a exposição acima respondeu” (I, q. 7, a. 1), isto é no *corpus*; ou a todas as objeções: “Com isso, dá-se resposta às objeções” (I, q. 1, a. 4 ou I, q. 6, a. 4); e depois da resposta à primeira objeção pode dizer como resposta à segunda: “Pelo que foi dito, fica clara a resposta do 2º” (I, q. 4, a. 2) ou depois da segunda resposta a respeito da terceira objeção disse: “*Unde patet solutio ad tertium*” (I, q. 82, a. 5).

³³ Este artigo, talvez o mais famoso da *Suma* (*S.Th.* I, q. 2, a. 3), que apresenta as ‘cinco vias’, é, ao mesmo tempo, um dos exemplos mais belos para vermos, como Tomás, algumas vezes, realiza em todos os pontos a estrutura do artigo típico (Cf. METZ, *Architektonik*, 111, nota 255). E Grabmann, referindo-se a ele, disse: “As provas da existência de Deus ... (basta) compará-las com o ensino dos antigos escolásticos ou mesmo contemporâneos do santo, ... são novas e mais perfeitas, principalmente quanto ao método e técnica” (GRABMANN, *Introdução*, XLVI).

Quanto ao terceiro, assim se procede: parece que Deus não existe.

Porque de dois contrários, se um é infinito, o outro deixa de existir totalmente.

Ora, é isso que se entende com o nome de *Deus*, isto é, que se trata de um bem infinito. Assim, se Deus existisse não haveria nenhum mal. Ora, encontra-se o mal no mundo. Logo, Deus não existe.

Ademais, o que pode ser realizado por poucos princípios, não se realiza por muitos.

Ora, parece que tudo que é observado no mundo pode ser realizado por meio de outros princípios, pressuposta a inexistência de Deus, porque o que é natural encontra seu princípio na natureza, e o que é livre, na razão humana ou na vontade. Logo, não é necessário afirmar que Deus existe.

Em sentido contrário, está o que se diz da pessoa de Deus no livro de Êxodo: “Eu sou Aquele que sou” (*Ex* 3,14).

Respondo. Pode-se provar a existência de Deus, por cinco vias.

(1) A primeira é a mais clara, parte do movimento. Nossos sentidos atestam, com toda a certeza, que neste mundo algumas coisas se movem.

Ora, tudo o que se move é movido por outro. Nada se move que não esteja em potência em relação ao termo de seu movimento; ao contrário, o que move o faz enquanto se encontra em ato.

Mover nada mais é, portanto, do que levar algo da potência ao ato, e nada pode ser levado ao ato senão por um ente em ato. Como algo quente em ato, por exemplo, o fogo, torna a madeira que está em potência para o calor, quente em ato, e assim a move e altera.

Ora, não é possível que o mesmo ser, considerado sob o mesmo aspecto, esteja simultaneamente em ato e em potência, a não ser sob aspectos diversos: por exemplo, o que está quente em ato não pode estar simultaneamente quente em potência, mas está frio em potência. É impossível que sob o mesmo aspecto e do mesmo modo algo seja motor e movido, ou que mova a si próprio. É preciso que tudo o que se move seja movido por outro.

Assim, se o que move é também movido, o é necessariamente por outro, e este por outro ainda.

Ora, não se pode continuar até o infinito, pois neste caso não haveria um primeiro motor, por conseguinte, tampouco outros motores, pois os motores segundos só se movem pela moção do primeiro motor, como o bastão, que só se move movido pela mão.

É então necessário chegar a um primeiro motor, não movido por nenhum outro, e um tal ser, todos entendem: é Deus.

(2) A segunda via ...

(3) A terceira via ...

(4) A quarta via ...

(5) A quinta via ...

Quanto ao 1º, portanto, deve-se dizer com Agostinho: “Deus, soberanamente bom, não permitiria, de modo algum, a existência de qualquer mal em suas obras, se não fosse poderoso e bom a tal ponto de poder fazer o bem a partir do próprio mal”. Assim, à infinita bondade de Deus pertence permitir males para deles tirar o bem.

Quanto ao 2º, deve-se afirmar que, como a natureza age em vista de um fim determinado dirigida por um agente superior, é necessário fazer chegar até Deus, causa primeira, tudo que a natureza faz. Do mesmo modo, tudo o que é feito por uma livre decisão é necessário fazer chegar a uma causa mais elevada além da razão ou da vontade humana. É necessário, pois, que o que é mutável e falível chegue a um princípio imóvel e necessário por si mesmo, como acabamos de mostrar.

Antes de refletir sobre os motivos e o valor deste método, é justo ver até que ponto este método já era conhecido, ou se é uma novidade de Santo Tomás. Deste modo, por exemplo, julga um perito em Santo Tomás:

Según los antiguos biógrafos del Aquinate, Santo Tomás daba la impresión de ser un innovador. En realidad, el método constructivo de la ciencia y el método de la enseñanza brevemente descritos en las páginas precedentes, no se encuentran en los autores anteriores ni en los contemporáneos de una manera semejante.³⁴

2. Como se chegou a tal estrutura?

A preocupação sobre o método de pesquisa conhece-se desde que o homem acordou para a procura sincera, refletida e sistemática da verdade.

a) Tradição platônica

Em Platão encontra-se a frase: “Não há maior mal do que tornar-se inimigo da ciência. Aliás, desenvolvem-se do mesmo modo tanto o ódio à ciência como o ódio aos homens” (*Fédon*, 89d). Então, diante de tal seriedade, conscientiza-se a possibilidade do erro: “Uma pessoa que desconhece a arte de provar por argumentos se entrega com cega confiança a um argumento que lhe parece verdadeiro; pouco depois, este passa a lhe parecer falso. Ora o é, ora não o é; e assim muitas vezes” (*Fédon*, 90b).

³⁴ VANSTEENKISTE, *Método*, 118.

E isto acontece até com pessoas que “afirmam ter encontrado o cume da sabedoria”. Diante desta realidade, Sócrates aconselha: “Suponhamos sempre, ao contrário, que nós é que não temos ainda bastante discernimento. Devemos, com efeito, ser corajosos e fazer tudo o que for necessário para obter os conhecimentos verdadeiros” (90e)! Nesta preocupação necessária, encontramos dois pontos, que nos são bem familiares em Santo Tomás.

Sócrates disse a Símias e Cebes: “Cuidai menos de Sócrates que da verdade!” (*Fédon*, 91c). Sócrates desconfiou conhecer a verdade de maneira absoluta. E, se os seus alunos acreditassem em tudo que o ele dissesse, simplesmente porque ele o falava, então haveria o risco de todos ficarem condenados à cegueira espiritual e ao erro. Por isso, admoestou os seus amigos: “Concordai comigo, se achardes que digo a verdade; se não, objetai-me a cada argumento!” (*ibid.*). Isto levanta a séria pergunta da autoridade, da qual Santo Tomás estava bem consciente e tinha sempre presente diante de si. Ele sabia quem haveria de citar em cada assunto!

Uma segunda instrução de Sócrates, familiar a Santo Tomás na estrutura do artigo, é esta: Sócrates disse: “Antes de tudo, porém, fazei-me recordar bem o que dissestes se notardes que não me recordo.” Então, Sócrates começou a repetir a argumentação de Símias, “o objeto de sua dúvida e dos seus temores”, e em seguida “quanto a Cebes, ...”. Depois verificou: “*Não é isto, Símias e Cebes, o que devemos examinar? Ambos declararam que sim*” (91cd). Precisamente isto faz Santo Tomás quando formula uma objeção depois da outra e com tal acribia, que um contraente não poderia formular melhor.

b) Doutrina aristotélica

O problema em observar certas regras no pensar e, mais ainda, no dialogar, não foi desconhecido de Aristóteles. Ele foi discípulo de Platão, mas também já conhecera o problema com os sofistas.³⁵ Aristóteles, vendo a necessidade da clareza do significado das palavras, foi o primeiro a desenvolver a arte da “reta razão em pensar” ou da *Lógica* como ciência e disciplina.

³⁵ Os maiores sofistas foram Protágoras, Górgias, Híppias etc. e viveram entre os anos 475 e 375, enquanto Aristóteles nasceu no ano 384/3.

A respeito do método do artigo na *S.Th.*, é de lembrar especialmente o livro da *Tópica*, o quinto livro do *Órganon*, que teve grande influência na Idade Média.³⁶ Nesta obra, especialmente no oitavo livro, Aristóteles trata sobre o diálogo. Ele orienta sobre “a ordem e o modo de fazer perguntas” (Bekker 155 b), pensando bem no interlocutor e nas suas condições (cf. do 1º ao 3º capítulo). Numa segunda parte (dos capítulos 4 a 13) ele distingue entre diversos tipos de debates segundo as suas finalidades. Aristóteles afirma no capítulo 5 não conhecer quem já houvesse dado orientação sobre colóquios com o fim de só examinar ou pesquisar. Por isso quer orientar sobre teses e premissas, sua validade e os silogismos retos e falsos. No capítulo 14, “o filósofo” aconselha, particularmente, como se pode adquirir maior facilidade em encontrar conclusões nas argumentações.

O início dos artigos de Santo Tomás, constantemente igual, faz, por exemplo, lembrar uma frase deste livro da *Tópica*:

Uma regra fundamental é, conforme as possibilidades, de não deixar claro, se se quer o consentimento para uma frase ou para o seu contrário. Se o interlocutor fica inseguro, o que poderia servir para a argumentação, faz, então, com que ele fique mais disposto a confessar a sua opinião (cap. 1, 156b).

Os artigos de Santo Tomás lembram ainda uma outra idéia de Aristóteles; ele disse: “De vez em quando se deve fazer uma objeção a si mesmo, pois os que respondem não suspeitam nada contra alguém que parece proceder sinceramente na discussão” (*ibid.*).

Mais ainda toca o nosso tema o terceiro livro da *Metafísica*, que Santo Tomás comentou. Nele Aristóteles estuda a forma de procurar a verdade e, para isso, a importância da dúvida: “Quem quer pesquisar com bom sucesso, deve saber duvidar bem” (III, 1º cap.; 995a). Aristóteles dá não menos que quatro motivos, que Santo Tomás, no seu comentário sobre este livro, um por um explica e justifica. Por último, segundo Aristóteles, aquele que deve ser mais apto para julgar deve considerar todas as razões, em favor e contra, daqueles que defendem o contrário ou que duvidam.

³⁶ “Sem o oitavo livro da *Tópica* debate-se confusamente, sem a arte intelectual - non disputatur arte, sed casu” (em M. GRABMANN, *Die Geschichte der scholastischen Methode*, vol. 2: *Die scholastische Methode im 12. und beginnenden 13. Jahrhundert*, [1911], Akademie-Verlag, Berlin 1957, 18). Sobre a importância do *Organon* de Aristóteles para a Idade Média, cf. GRABMANN, *Die scholastische Methode* 2, 18-19 e 447-452.

Como Aristóteles apresenta a questão, não se pode simplesmente falar de um método, mas trata-se de uma lógica intrínseca da ciência. Comentando este trecho, indiretamente “Tomás deu no seu comentário à *Metafísica* a justificação do método aplicado em todos os artigos da *Suma*: O encontrar uma verdade consta sempre na solução de um problema, na resposta a uma pergunta”³⁷.

c) As regras em vigor na vida universitária no tempo de Santo Tomás

Santo Tomás não inventou seu método, nem o encontrou como novidade nos filósofos gregos. A vida universitária já estava marcada por ele. Martin Grabmann, o grande estudioso da Idade Média, explica no seu trabalho sobre “A História do método escolástico”, que já no século XII duas eram as formas mais importantes do ensino: a *lectio* (leitura) e *disputatio* (debate). Hugo de St. Victor (ca. 1096-1141) junta ainda à leitura a meditação, como forma de assimilação pessoal da matéria de ensino.³⁸ Roberts de Melun explica a *disputatio*, já conhecida na patrística e no início da escolástica, como “o método de fazer objeções e desfazê-las”³⁹. Porém, o “desenvolvimento, a própria definição do método do debate na área filosófica e depois também, o seu uso para o fim de ensino teológico, depende do conhecimento das *analíticas* aristotélicas, da *Tópica* e sofística na escolástica”⁴⁰. Assim, João de Salisbury afirma que o oitavo livro da *Tópica* de Aristóteles trata *ex professo* das leis e regras do debate e sem ele não se poderia bem debater. Então, na segunda metade do século XII

³⁷ BERGER, *Einführung*, V, 2; de um lado convém saber que Santo Tomás escreveu o Comentário à *Metafísica* ao redor do ano 1271 (cf. TORRELL, 269-271 e 400) enquanto iniciou a *S.Th.* já no ano 1265 (cf. TORRELL, 167-186 e 388-389); do outro lado, não se deve esquecer que Santo Tomás teve o primeiro contato com a obra de Aristóteles por meio do Averroísmo já em Nápoles entre os anos 1239 a 1244.

³⁸ Cf. GRABMANN, *Die scholastische Methode* 2, 13-14 e 242-249.

³⁹ *Ibid.*, 16; no primeiro volume, Grabmann cita a afirmação de Santo Agostinho: “Quem debate, discerne o verdadeiro do falso” (*Contra Cresconium*, I, I, c. 15, n. 19; *Die scholastische Methode* 2, 138). Como testemunhas do uso do debate no tempo da pre-escolástica, Grabmann menciona o monge e arcebispo Lanfrank (1009-1089; cf. *ibid.*, 227s) e Santo Anselmo (1033 - 1109; cf. *ibid.*, 259-339, esp. 311-322). Este último deu espaço para perguntas, de modo que a discussão só terminou, quando o discípulo não encontrou mais nenhuma pergunta a fazer. Exercícios expressamente de debate já são conhecidos, nos séculos X e XI, na escola da catedral de Hildesheim (cf. *Die scholastische Methode* 2, 17).

⁴⁰ *Die scholastische Methode* 2, 18.

e com a ajuda de Aristóteles, se desenvolve o método do debate. No fim deste século, o debate faz parte das aulas de teologia. Na passagem ao novo século encontram-se, pela primeira vez, os exercícios do debate na teologia, na forma escrita das *Quaestiones de quolibet* (sobre qualquer pergunta). Enfim, um certo Radulfus define o “debate como introdução de um motivo ou uma razão para provar ou contradizer algo”. Ele continua dizendo: “A cada *disputatio legitima* pertence a pergunta, resposta, tese, afirmação, negação, argumentos, argumentação e formulação de conclusões”.⁴¹

Josef Pieper indica uma primeira regra concreta que encontraremos no artigo da Suma, atentamente observada. A primeira exigência seria esta: escutar o partilhante, seu argumento, perceber a sua contribuição à *recherche collective de la verité* (CHENÚ, *Introduction*, 291) como ele mesmo, o partilhante, a entende. Havia uma regra da *disputatio legitima*, que simplesmente obrigava à escuta: ninguém estava autorizado a responder imediatamente a uma contribuição; antes precisava repetir com próprias palavras a objeção do adversário e expressamente verificar se o outro pensa realmente assim.⁴²

Quando, então, Santo Tomás entrou na universidade, seja em Nápoles, seja em Paris ou Colônia, deve ter encontrado este método e experimentado o seu valor, na busca da verdade.

III. Santo Tomás de Aquino como Mestre no método do artigo da *Summa Theologiae*

Devido ao contato constante com os alunos, e mais ainda, segundo a eficácia metodológica na pesquisa, Santo Tomás segue este método onde é possível. É particularmente difícil nos comentários, onde está obrigado a seguir o texto.⁴³ Mas nas obras independentes tenta descobrir a verdade a partir das dúvidas.

Na *S.Th.*, Santo Tomás limita-se às objeções essenciais e irrenunciáveis, em forma clara, densa e purificada. O motivo era pedagógico, como explica o breve *prólogo* à *S.Th.*:

⁴¹ *Ibid.*, 20.

⁴² PIEPER, *Werke* 2, 228-229.

⁴³ Cf. GRABMANN, *Introdução*, XXXIX-XLI.

Observamos que os noviços nesta doutrina encontram grande dificuldade nos escritos de diferentes autores, seja *pelo acúmulo de questões, artigos e argumentos inúteis*; seja porque aquilo que lhes é necessário saber *não é exposto segundo a ordem* da própria disciplina, mas segundo o que vai sendo pedido pela explicação dos livros ou pelas disputas ocasionais; seja ainda pela *repetição frequente* dos mesmos temas, o que gera no espírito dos ouvintes cansaço e confusão.

No empenho de evitar esses e outros inconvenientes, tentaremos, confiando no auxílio divino, apresentar a doutrina sagrada sucinta e claramente, conforme a matéria o permitir.⁴⁴

1. O tema do artigo

Antes de tudo, afirma David Berger, a famosa pergunta “Utrum sit...?” no início de cada artigo, ou “os títulos, com que se introduz os artigos, não são de Tomás mesmo, mas foram, mais tarde, simplesmente tirados do *Videtur quod non* ou do *Videtur quod* e foram transformados numa pergunta”⁴⁵.

Fica então como verdadeiro início do artigo a afirmação vaga: “Parece que ...”, por exemplo: “Parece que Deus não existe.” Esta primeira frase já reflete o que Santo Tomás aprendeu do seu mestre Aristóteles: não se deve logo dizer ao seu contraente o que se pensa; e se consegue esconder a própria opinião, não é por maldade, mas, sim, para convidar o outro a manifestar sua perspectiva e verdadeira opinião. De fato, para captar a afirmação provável de Santo Tomás é necessário começar a refletir, pois na maioria das vezes, inclui uma negação - “videtur quod non - parece que não”. Também é necessário pensar nas primeiras frases positivas como, por exemplo: “Parece que a doutrina sagrada é uma ciência prática”⁴⁶, porque a frase positiva ou negativa, sempre indica o contrário da solução que Santo Tomás dará no *corpus* do artigo.

⁴⁴ *S.Th.*, Prólogo (ênfase não no original).

⁴⁵ BERGER, *Einführung*, V, 2. Valeria a pena estudar a história deste elemento ou da “dúvida metódica” em relação ao método de Descartes a que se refere por ex. GARRIGOU-LAGRANGE, *De methodo*, 506.

⁴⁶ *S.Th.* I, q. 1, a. 4; esta versão positiva, ou seja, “videtur quod ... est”, não é tão rara (por ex. também em *S.Th.* I, q. 3, a. 2: “Videtur quod - parece que em Deus existe composição de forma e matéria”, ou em *S.Th.* I, q. 11, a. 1: “Videtur quod unum addat aliquid supra ens.”). - Surpreende que na nova edição da *S.Th.*, pelas edições Loyola, não

Se pararmos depois da primeira frase e a repetirmos, reparamos a força pedagógica com que Santo Tomás abre o debate dos seus artigos: leitores simples e abertos para a verdade logo respondem “não” e querem defender a sua fé; os outros que, por qualquer motivo, estão bloqueados em ver a verdade, sentem-se confirmados e querem logo pôr lenha no fogo, apresentando os seus argumentos que Santo Tomás já prevê na lista das objeções.

2. As objeções

Estes motivos sugeridos pela frase introdutória são já razões suficientes para se começar do lado negativo e pelo contrário da verdade. Seguem, então, primeiro, algumas justificações desta posição ou do lado negativo, contrário à convicção de Santo Tomás.

a) Porque estas objeções e porque agora?

Santo Tomás tem vários motivos para iniciar o artigo com objeções à sua própria doutrina. Um motivo é intrínseco à ciência, outro é uma questão de virtude do pesquisador, enfim, é também uma questão de método ou de pedagogia.

a.1) Aristóteles abre o terceiro livro de sua *Metafísica* com uma simples afirmação: “É *necessário, para adquirir a ciência*, que vamos primeiro àqueles, sobre os quais *convém duvidar*.” Procuramos a verdade porque ainda não a conhecemos. Se fossemos simplesmente afirmá-la, mesmo sem conhecê-la, seríamos arbitrários e poderíamos facilmente errar sem saber. Não teríamos critério nenhum para confiar no que afirmamos. Por isso, o filósofo fala da “necessidade” de estudar primeiro a opinião ou as afirmações daqueles dos quais já sabemos que devemos duvidar. Mas, começando com eles, esclarece-se ao menos o que a verdade *não é* e aonde não precisamos procurar mais.⁴⁷ Do outro lado, al-

se aceite esta pedagogia de Santo Tomás, mas transforme de vez, já na tradução, a formulação negativa em positiva ou vice versa, por ex. “Videtur quod intellectus creatus ad videndum essentiam Dei aliquo lumine creato non indigeat - Parece que o intelecto criado, para ver a essência de Deus, **necessita** de uma luz criada” (*S.Th.* I, q. 12, a. 5), ou: “Videtur quod Deus sit corpus - Parece que Deus **não** é um corpo” (*S.Th.* I, q. 3, a. 1, ênfase no original; cf. por ex. também I, q. 3, a. 5 ou I, q. 12, a. 5; etc.). Mesmo que o leitor tenha o texto em latim ao lado, não se pode negar que tal mudança evita que o leitor entre no processo psicológico e pedagógico, claramente intencionado por Santo Tomás.

cança-se clareza maior sobre possíveis fontes da verdade. Santo Tomás conclui, partindo deste princípio de Aristóteles e de sua argumentação, que ele espera resolver as partes quase principais desta ciência filosófica no debate dialético.⁴⁸ Por esta primeira razão, o Doutor angélico começa com afirmações que ainda não correspondem ao que ele pensa.

Na base desta abertura universal está a convicção de Santo Tomás que a ajuda para encontrar a verdade pode vir de todos os lados. Pois nenhum homem é tão ignorante que não conheça alguma verdade, assim *cada um pode dizer algo sobre a verdade*.⁴⁹ Por isso, Santo Tomás não hesita em debater também com judeus ou muçulmanos e até com heréticos.⁵⁰ No segundo livro da *Metafísica*, Aristóteles recusou o idealismo e subjetivismo. Ele afirmou, de um lado, a cognoscibilidade de todos os entes e assumiu, no outro lado, a fraqueza do intelecto humano diante dos entes mais lúcidos ou espirituais, como os anjos. Por isso, a comunicação de opiniões, mesmo das mais superficiais, é uma graça. Santo Tomás sistematiza: a ajuda recíproca na reflexão sobre a verdade pode ser *direta*, quando cada um daqueles que encontraram algo da verdade junta isso e introduz os posteriores a um conhecimento mais compreensivo da verdade; e a ajuda é *indireta*, quando os antepassados que erraram deram aos posteriores a ocasião de fazer a verdade aparecer mais claramente através de discussões sérias. Por isso, conclui Santo Tomás, de uns antepassados aceitamos algumas opiniões bem expressas sobre a verdade das coisas, de outros omitimos as opiniões; mas os dois ajudam a encontrar a verdade.⁵¹

⁴⁷ “Consultar os autores precedentes é necessário para esclarecer a questão e resolver as dúvidas. Assim como no tribunal não se pode pronunciar uma sentença sem ter ouvido as razões das duas partes, assim também quem se ocupa de filosofia chegará mais facilmente a uma solução se conhecer o pensamento e as dúvidas de diversos autores” (*In Metaph.* III, 1; Ma 342).

⁴⁸ “Et ideo dialecticam disputationem posuit quasi partes principales huius scientiae.” (*In Metaph.* III, 1; Ma 345). Resolver dúvidas significa encontrar a verdade (cf. tb. *In Metaph.* II, 1). Por isso é valioso muito ver os argumentos das opiniões contrárias para conhecer a verdade (cf. *In De caelo*, I, 22; Ma 223).

⁴⁹ “Nullus homo est ita expertus veritatis, quin aliquid de veritate cognoscat. Quod ex hoc apparet, quod unusquisque potest enuntiare de veritate et natura rerum, quod est signum considerationis interioris” (*In Metaph.* II, 1; Ma 275; cf. *In Ioan.* I, 5; Ma 127-136; cf. em cima nota 24).

⁵⁰ Cf. *S.c.G.* I, 2.

⁵¹ Cf. *In Metaph.* II, 1; Ma 276, 282, 287-288.

a.2) Para proceder bem nesta pesquisa, é necessário um *homem maduro e objetivo*, com uma abertura para todos os lados e em todos os momentos. A constante reverência de Santo Tomás a todos os antepassados ou aos contemporâneos nas objeções mostra sua profunda docilidade e humildade⁵². Ele quer ouvir antes de falar, aprender antes de ensinar! E, para isso, acredita que todos tenham conhecimento de, ao menos, uma parcela da verdade, seja por natureza, seja pela graça e inspiração do Espírito Santo. Ele possui “óculos positivos”, espera o bem de todos, e tem verdadeiro respeito diante dos outros. Tão firmemente como acredita que nenhum homem não tem conhecimento nenhum, do mesmo modo acredita também que nenhum homem, incluindo a si mesmo, possui o todo conhecimento, de modo que não precisasse de outros para conhecer a verdade.

É a humildade que proíbe a Santo Tomás apresentar primeiro e orgulhosamente o seu conhecimento e, depois, não mais confrontar o erro em si, mas derrubar a pessoa errante. A humildade manda primeiro procurar as opiniões dos outros, ouvi-las e depois, tendo-as apreendido, procurar a verdade e dar respostas a essas opiniões.

Santo Tomás também sabe que, no combate intelectual, o homem deixa-se facilmente levar por *emoções*; mas isto não convém a um filósofo. O filósofo não recusa a opinião dos outros por ódio, e não se afirma a si mesmo como se o outro fosse seu inimigo.⁵³ “É preciso amar tanto aquele de quem adotamos a opinião como aquele de quem nos separamos; pois um e outro aplicaram-se à busca da verdade e um e outro são nossos colaboradores.”⁵⁴ Quem, então, escuta tão intensamente as opiniões dos outros como Santo Tomás, no início de todos os artigos da Suma, é uma pessoa com verdadeiro autodomínio, disciplina e humildade.

⁵² “Santo Tomás cita repetidamente el texto de los Proverbios: ‘ubi autem est humilitas ibi est sapientia’. Esta humildad es la base de las ayudas sobrenaturales, y es también la base de la apertura hacia toda verdad, de la búsqueda de documentación, del respecto por la autoridad ..., de la consideración de todas las dificultades y objeciones (no pocas veces Santo Tomás desarrolla objeciones supuestas, que podrían plantearse) y todo esto demuestra su sentido crítico” (VANSTEENKISTE, *Método*, 119; pelo *Prov.* 11, 2 cf. por ex. *De Malo* q. 8, a. 3 ad 8 et ad 9).

⁵³ *In De caelo*, I, 22; Ma 225.

⁵⁴ *In Metaph.* XII, 9; Ma 2566. Santo Tomás sabe até ser grato pelo fato de que os outros pensem diferentemente de si, pois não há melhor maneira de descobrir a verdade e de refutar o erro do que precisar defender-se dos opositores: “Dicit quod quando nos

a.3) Isto leva a uma terceira dimensão desta parte do artigo da *S.Th.*, é o *Motivo do método e da pedagogia*. As objeções na abertura de cada artigo dispõem os leitores para serem atentos.

A exatidão com a qual Santo Tomás repete, em suas objeções, as colocações, opiniões e os argumentos de outros, faz lembrar a regra absoluta do debate, ou seja, cada um tem que repetir a opinião do outro e perguntar ainda antes de responder, se é assim mesmo como pensou. As abundantes citações que apresenta na Suma e com uma lógica tão acurada mostram quão fiel é Santo Tomás a esta regra fundamental.

Sua atitude aberta mostra uma sinceridade científica tal, que impressiona os ouvintes e os adversários fazendo-os perguntar: qual será a opinião pessoal daquele que tão ansiosamente quer conhecer os pensamentos dos outros? Alunos que ousem levantar a mão querendo dar a sua opinião, perdem a sua coragem diante da atenção com a qual Santo Tomás os escuta, diante da objetividade e seriedade com que ele repete as suas colocações, uma após a outra. Em resposta, também eles lhe deverão dar a sua atenção e se esforçar em seguir a sua argumentação.

Depois repara-se logo que Santo Tomás, com toda a sua abertura, não perde tempo com questões inúteis que só causam distração aos alunos e a perda do seu interesse. Ao contrário, mesmo se Santo Tomás tratasse de tantas perguntas quantos artigos escreveu, elas seriam escolhidas e essenciais, tornando o aluno ou o leitor curioso e atento desde o início até à solução, no fim. Cada um pode pensar que a pergunta poderia ser sua. Também isto ajuda para que todos participem na reflexão.

Enfim, os jovens examinam a autenticidade do seu professor: será que ele é um exemplo e pratica o que ensina? Mesmo que, no nosso ponto

posuerimus opiniones aliorum, et induxerimus eorum rationes, et solverimus eas, et posuerimus rationes in contrarium, minus inerat nobis quod videamur condemnare dicta aliorum gratis, idest sine debita ratione, sicut qui reprobant dicta aliorum ex solo odio, quod non convenit philosophis, qui profitentur se inquisitores esse veritatis. Oportet enim eos qui volunt sufficienter iudicare de veritate, quod non exhibeant seipsum sicut inimicos eorum de quorum dictis est iudicandum; sed sicut arbitros, et disquisitores pro utraque parte” (*In De caelo*, I, 22; Ma 225). “Quia in eligendis opinionibus vel repudiandis, non debet duci homo amore vel odio introducentis opinionem, sed magis ex certitudine veritatis, ideo dicit quod oportet amare utrosque, scilicet eos quorum opinionem sequimur, et eos quorum opinionem repudiamus. Utrique enim studuerunt ad inquirendam veritatem, et nos in hoc adiuverunt. Sed tamen oportet nos ‘persuaderi a certioribus’, idest sequi opinionem eorum, qui certius ad veritatem pervenerunt” (*In Metaph.* XII, 9; Ma 2566).

anterior, se encontre a resposta, esta observação nos leva a uma outra observação e à análise das próprias objeções.

a.4) Santo Tomás insiste sempre que a tarefa de um filósofo “não se destina a (...) fazer saber o que os homens pensaram, mas em que realmente consiste a verdade”⁵⁵. Este aspecto é tanto mais importante na *S.Th.* quanto mais quer ser um livro de ensino, em vez de pesquisa. Mesmo que Santo Tomás mostre tanta reverência diante de todos os autores, seu “espírito crítico de filósofo”⁵⁶ e, mais ainda, o seu amor para com Deus e seu Filho Jesus Cristo que é a Verdade⁵⁷, não lhe permitem negar a verdade por “respeito humano”.⁵⁸ E o que ele não fez, também não quis que seus alunos o fizessem. Como praticou, assim aconselhou seu Confrade João, certamente representante de todos os seus alunos: “Não olhes a pessoa que fala, mas a todo o bem que te foi dito, e retenha-o na memória. Procura entender o que lê e ouves.”⁵⁹

É, então, a seriedade científica, a humildade e honestidade ascética, a sensibilidade pedagógica e o único e profundo amor ansioso pela verdade, que levam Santo Tomás a iniciar todos os artigos com objeções à verdade.

b) Como são as objeções?

As objeções, consideradas em si, sugerem duas observações:

Nas objeções espera-se afirmações de filósofos ou teólogos heréticos que contradizem a verdade e que Santo Tomás quer corrigir. Porém, Santo Tomás não revela e nem interessa identificar, para cada opinião, aquele que a afirma ou defende. As objeções são, muitas vezes, posições refletidas e apenas explicadas e claramente desenvolvidas através de um raciocínio bem específico; são idéias dos antepassados ou frutos de nosso pensador genial, às vezes, idéias que até então ainda ninguém pronuncia-

⁵⁵ *In De coelo*, I, 22; Ma 228.

⁵⁶ GARRIGOU-LAGRANGE, *De methodo*, 506.

⁵⁷ “Oporet omnem qui veritatem cognoscere desiderat, huic Verbo adhaerere” (*In Ioan XIV*, 2; Ma 1869).

⁵⁸ Cf. por ex. *S.Th.* I, q. 93, a. 6 ad 2.

⁵⁹ *Epistola exhortatoria de modo studendi ad fratrem Ioannem*, em: *Opuscula Theologica*, vol. I, Marietti, Taurini-Romae, ²1975, 451 (conselho 12 e 13); cf. a explicação preciosa destes 16 conselhos por A.-D. SERTILLANGES, *A vida intelectual. Espírito, Condições, Métodos*, Coimbra, ³1957.

ra, defendera ou formulara. Nos silogismos são inseridos muitos princípios filosóficos de valor perene, que Santo Tomás não irá contradizer, mas até confirmar.

As frases de autoridades que Santo Tomás insere, nem sempre apóiam todo o argumento da objeção. Muitas vezes, formam só uma sua parte ou um princípio referido no texto. O motivo é que, para Santo Tomás, o valor das citações não está tanto na autoridade quanto no argumento. Como vimos, ele não se importa com quem afirma algo, mas com o que é dito. Quanto mais se lê a *S.Th.*, tanto mais se percebe esta hierarquia de autoridade. Por isso, as objeções não constam simplesmente em citações de autoridades, como era uso nas “Sentenças” de Pedro Lombardo. - Nas três objeções que encontramos no nosso artigo modelo, I, 2, 3, não encontramos citação nenhuma. As três objeções constam de silogismos.

Devemos, partindo desta descoberta, retirar toda a nossa tese sobre Santo Tomás como homem de diálogo? Não. Primeiro, porque Santo Tomás nunca deixou o contato com os autores anteriores. No tratado sobre a vida contemplativa e ativa, por exemplo, composto por 4 questões e 18 artigos, encontramos não menos que 188 citações de outros autores, e apesar disto, ele desenvolve a sua doutrina! Santo Tomás torna-se o homem do diálogo; segundo, porque nunca se limita a apresentar apenas a sua opinião, mas pela própria estrutura do artigo, fielmente observado em toda a *S.Th.*, confronta-se sempre com opiniões contrárias à sua. E, terceiro, percebemos neste estilo de apresentação das outras opiniões através de silogismos, a observância escrupulosa da regra escolástica, acima referida. Se Santo Tomás não cita os outros literalmente in extenso, é para não estender-se demais (conforme a sua intenção no prólogo), e para destacar ainda mais com sua brevidade o ponto central da opinião dos outros. Visto assim, deve-se dizer que Santo Tomás é muito cuidadoso em referir a opinião dos outros. Faz isto com tanta clareza, que Pieper algumas vezes pergunta a si mesmo como Santo Tomás irá poder contradizer a esse argumento?⁶⁰ Isto leva a duas consequências.

Primeiro, as objeções podem ser e são claras. A observação mais pormenorizada revela também que as objeções conduzem a soluções contrárias das apresentadas no *corpus*, mas não porque sejam sempre totalmente falsas. Algumas vezes levam a conclusões erradas só porque ne-

⁶⁰ Cf. PIEPER, *Werke* 2, 221-223.

las se considera apenas uma parte da verdade e partindo daqui, julga-se sobre o todo.⁶¹

Segundo, as objeções cumprem a sua função pedagógica, que é a de despertar o interesse no tema. Elas têm uma função introdutória. Por este motivo, e graças à forma estrita do silogismo, todas as objeções são breves.

c) O que são as objeções?

Até aqui conhecemos dois aspectos formais das objeções: elas são opiniões sobre a verdade que se deve questionar e ajudam a animar a procura da verdade. Há ainda outros aspectos a observar, aspectos exteriores, também chamados materiais.

Quando Santo Tomás organizou a *S.Th.*, dividiu a matéria da Sagrada Teologia em três partes e estas em 38 tratados; analisando-os determinou as questões a resolver. Diante de cada questão, o grande Teólogo precisava fixar certo número de temas particulares que deveriam ser tratados para resolver a questão. Assim chegamos aos artigos de cada questão. É a última unidade desta obra majestosa, por isso, podemos dizer: *cada artigo é uma pergunta a resolver* e a solução será dada no centro do artigo, *no seu corpus*.

O segundo momento é a finalidade desta apresentação teológica: a *S.Th.* quer ser um manual para os alunos, logo, deve ser claro; mas como não deve ser complicado não pode e nem precisa ser completo. Agora, o artigo com o seu tema objetivo só oferecerá uma resposta através de um raciocínio. Mas as objeções, além das razões explicadas com as respectivas respostas exigidas, oferecem uma oportunidade muito prática ao nosso mestre, que é a de não complicar a organização do seu ensino e sim, poder tratar cada tema, partindo de tantos pontos de vistas quantos ele achar necessário. Quando nos lembramos do número das objeções nas *Quaestiones disputatae* ou na *Summa contra Gentiles* e contamos agora entre duas a seis, então torna-se claro, Santo Tomás escolheu, entre outras, estas. Pergunta-se então, qual fora o *critério desta escolha*?

Santo Tomás tem, diante de si as opiniões dos antepassados e dos seus contemporâneos, idéias tradicionais e vários raciocínios alheios e próprios sobre o tema. A solução que apresentará no *corpus* do artigo é simples e clara, consta quase sempre só de um raciocínio. Contra a simples

⁶¹ Cf. por ex. em *S.Th.* II-II, 88, 9.

solução de um problema pode-se sempre levantar a acusação de não ter ouvido os outros ou de não ter discutido o problema fundo, além de deixar o próprio mestre insatisfeito devido à brevidade de sua explicação. Então, diante deste desafio, devem-se considerar as objeções como uma plataforma de opiniões, idéias, raciocínios e aspectos importantes, escolhidos para uma resposta mais completa, sempre partindo do argumento central no *corpus* e a serviço deste. Isto explica porque pode parecer que as objeções têm pouco a ver uma com a outra; mas a união entre elas e o *corpus* consta no artigo todo.

Santo Tomás reflete primeiro o que deve ser dito no *corpus* do artigo. Depois distribuirá o restante do que quer que seja dito entre as *objeções*, o argumento *sed contra* e as *respostas* às objeções. Esta estrutura do artigo, permite ao Santo Doutor expressar no mínimo seis idéias ou argumentos, contando duas objeções e respostas, mais uma para o *sed contra* e outra para o *corpus*. Estendendo as objeções a seis e suas respostas como o número de argumentos no *corpus* a três, chegaremos até dezesseis. Este princípio ajuda certamente a avaliar os argumentos, não sobrecarregando os alunos com “argumentos inúteis”⁶², e, enfim, em dizer muito com poucas palavras.⁶³ De fato, Santo Tomás apresenta normalmente três opiniões, mas podem ser também só duas ou cinco e mais;⁶⁴ isto acontece especialmente quando o tema é ainda atual e em discussão.⁶⁵

Esta consideração bem material revela a grandeza pedagógica ou didática do artigo na *S.Th.*: ele oferece uma grande possibilidade deixando que outros expressem as suas opiniões e, ao mesmo tempo, mostrando sempre a união de todos os pensamentos em vista do único tema do artigo.

⁶² “Se se compararem agora as objeções contidas nos artigos da *S.Th.* com os das Sumas anteriores, vê-se que rejeitou S. Tomás uma porção de argumentos inúteis, retomou e resolveu, segundo seu método, algumas objeções tradicionais importantes e, além disso, introduziu novas dificuldades, quando o julgava útil, no interesse da ciência, para salientar a verdade e favorecer o progresso dos ‘novitii sacrae doctrinae’.” (GRABMANN, Introdução, XXXVII).

⁶³ Pieper confirma a observação de Etienne Gilson que disse: “Jamais um autor disse tanto com poucas palavras” (PIEPER, *Werke* 2, 226).

⁶⁴ Por exemplo, encontramos na primeira questão, da primeira parte, apenas duas objeções nos artigos 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 8; três objeções nos artigos 6, 9 e 10; quatro objeções na q. 4, artigo 3, ou cinco objeções na q. 3, artigo 1 ou na q. 5, artigo 5, e seis objeções na q. 8, artigo 4 e na q. 10, artigo 1; em I-II, q. 102, artigo 6 encontra-se até onze objeções! Cf. nota 23.

⁶⁵ Cf. BERGER, *Einführung*, V, 2.

3. O argumento “sed contra”

O segundo elemento do artigo é introduzido sempre com estas palavras sempre iguais: “sed contra - em sentido contrário”. É o elemento mais breve do artigo e o mais claro. Lendo-o, conhece-se claramente a resposta que Santo Tomás dará ao problema no *corpus*.

Aqui o Mestre ainda não quer discutir, mas apenas indicar uma outra opinião. Esta pode se expressar por um simples silogismo como nas objeções.⁶⁶ Porém, mais frequentemente, consta só na citação de uma autoridade. Nas matérias sobrenaturais, a autoridade para Santo Tomás é a revelação bíblica, o Magistério da Igreja e os Padres da Igreja (particularmente Santo Agostinho), nas matérias naturais destaca particularmente “o filósofo”, que é Aristóteles.⁶⁷

O *sed contra* “tem a função de meio-termo ou passagem das posições contrárias à posição reta”⁶⁸. Expressando a opinião de Santo Tomás, ou a verdade por ele defendida, podia-se certamente encontrar muitas autoridades e citações em favor desta solução. Porém, para Santo Tomás,

⁶⁶ Não é difícil encontrar artigos com apenas um silogismo como texto do *sed contra*, sem referência alguma: “Mas, em contrário, devoção deriva de devotar-se, como se disse. Ora, o voto é um acto de religião. Logo, também a devoção.” (*S.Th.* II-II, q. 82, a. 2; cf. por ex. os *sed contra* em I, q. 67, a. 2 e 4; I-II, q. 25, a. 1 e 3; II-II, q. 88, a. 10; III, q. 46, a. 1; q. 50, a. 4; q. 52, a.6; q. 59, a. 6 ...); em certo sentido devemos admirar-nos que mesmo num argumento *sed contra*, Santo Tomás dá uma certa preferência a argumentos de razão: “Magis oportet determinare quaestiones per rationes quam per auctoritates” (*Quodl.* IV, q. 9, a. 3 (18) *sed contra*).

⁶⁷ No nosso artigo modelo lemos: “Em sentido contrário, está o que se diz da pessoa de Deus no livro de Êxodo: ‘Eu sou Aquele que sou’ (*Ex* 3, 14).” – A respeito da “autoridade” na *S.Th.* cf. VANSTEENKISTE, *Metodo*, 100-107. Por exemplo, contou-se nos 584 *sed contra* da Iª parte 226 citações da revelação, isto é do AT e NT, mais do que 200 citações da patristica, inclusive de Dionísio, e 62 de Aristóteles (cf. METZ, *Architektonik*, 110, nota 253; Leo ELDERS, Les citations de saint Augustin dans la Somme théologique des saint Thomas d’Aquin, em: *Doctor Communis* 1985, 115-165). Porém, para a finalidade desta nossa reflexão não precisamos considerar a quem o Santo cita em qual artigo, e por qual motivo; tal estudo se encontra por ex. em Albert PATFOORT, *Tommaso d’Aquin*, 64 e 67. A importância das citações avalia-se melhor tendo presente que em matéria de nível natural vale antes a verdade (“o que é dito?”) do que a autoridade (“quem diz?”); em matéria de nível sobrenatural vale antes a autoridade (“quem diz?” - os representantes legítimos de Deus) do que a evidência da verdade (“o que diz?” - sendo impossível avaliar a revelação só com a razão humana).

⁶⁸ METZ, *Architektonik*, 110.

basta aqui *uma* autoridade para testemunho da verdade, primeiro, porque o lugar próprio de tratar o tema será no *corpus* do artigo; segundo, porque a verdade consiste em si mesma e, logo, não depende da quantidade dos votos.

Mas Santo Tomás tem também um duplo motivo pedagógico para este elemento no seu artigo: primeiro, a verdade basta ser provada por um caminho claro e evidente. Quanto mais é repetida tanto mais perde sua força de convicção. Assim também, muitos argumentos supletivos, como é o caráter do argumento no *sed contra*, enfraquecem o argumento principal no *corpus*! O “acúmulo de ... argumentos inúteis” (prólogo) leva antes ao escurecimento da verdade do que ao seu esclarecimento. Isto é o motivo pelo qual os numerosos argumentos “sed contra”, nas obras anteriores, precisavam aqui ser diminuídos.

O segundo motivo refere-se à instrução dos jovens: “É necessário,” disse Santo Tomás, “apoiar-se em razões que procuram a raiz da verdade, que fazem saber *como é verdadeiro* o que é dito. Caso contrário, se o mestre determina uma questão por autoridades nuas, o ouvinte estará, por certo, assegurado de que a coisa é assim, mas nada adquirirá de ciência e de inteligência, e voltará vazio - *vacuus abscedet*”⁶⁹.

W. Metz apontou um outro aspecto do *sed contra*, devido ao valor que ele quer dar a este elemento. Ele o considera “o mini-centro do artigo”⁷⁰, dizendo que o argumento no *sed contra* “como lugar da *auctoritas*” seria sempre da revelação, de modo que se poderia ver uma analogia proporcional entre o *sed contra* e o *corpus* do artigo; entre a *revelação* e a *razão*.⁷¹ Porém, não encontramos comprovado nem que o argumento *sed contra* fosse sempre tirado da área da *revelação*, nem que fosse sempre um argumento da *autoridade*. Por isso, achamos que este elemento no artigo não pode ser sobre-valorizado. É melhor considerar, com M.

⁶⁹ “Oportet rationibus inniti investigantibus veritatis radicem, et facientibus scire quomodo sit verum quod dicitur; alioquin si nudis auctoritatibus magister quaestionem determinet, certificabitur quidem auditor quod ita est, sed nihil scientiae vel intellectus acquirit et vacuus abscedet” (*Quaestiones Quodlibetales* IV, q. 9, a. 3 [18]).

⁷⁰ METZ, *Architektonik*, 113.

⁷¹ *Ibid.*, 113-114: A estrutura do artigo representa in forma própria, imediatamente, “o relacionamento da *revelatio* (respectivamente *auctoritas*) à *scientia*”, pois “o artigo representa o passo da *revelatio* à *scientia* pela relação da autoridade da frase no *sed contra* à ciência no *corpus articuli*”.

Grabmann, o *sed contra* apenas como uma das opiniões, só que é contrária às das objeções e conduz assim a atenção ao próprio tratamento da questão no *corpus* do artigo.⁷²

4. O corpus do artigo

Apesar dos frequentes silogismos nas objeções, como também nos *sed contra*'s, fica como função principal do *corpus* a argumentação teológica ou filosófica, mas sempre científica com a finalidade de solucionar a pergunta inicial. Escreve Martin Grabmann:

Seu fim principal, no “*corpus* do artigo”, é depositar no espírito do leitor, do estudante de teologia, idéias verdadeiras e claras. A expressão “Ad cuius evidentiám considerandum est”, que volta frequentemente no início do “*corpus articuli*”, indica bem esta preocupação.⁷³

Parece importante anotar, que, quase nunca, nem no início, nem durante todo o desenvolvimento do pensamento no *corpus*, Santo Tomás dá atenção a todas as opiniões anteriormente expressas, nem aquela a seu favor no *sed contra*.⁷⁴ Aqui, ainda não se toca nas objeções e não se discute! O *corpus* do artigo é livre de polêmicas, não sofre o obscurecimento da mente pela excitação das paixões! Nele se pensa! Santo Tomás preocupa-se só com a objetividade e a simplicidade!⁷⁵

⁷² O “contra-argumento do ‘Sed contra’, de ordinário, único, prepara, com raras exceções, a solução que será dada logo depois, no ‘*corpus articuli*’.” (GRABMANN, *Introdução*, XXXVII). Não nos parece tão evidente como METZ afirma, que o *sed contra* seria a voz da revelação (cf. nota 67). Por isso preferimos ver com a tradição a seguinte estrutura do artigo: opiniões contra nas objeções e pro no *sed contra*, a solução de Santo Tomás no *corpus* e as respostas às opiniões; com outras palavras: o problema é manifestado nas objeções, a solução e a verificação da solução através da sua confrontação com os problemas.

⁷³ GRABMANN, *Introdução*, XXXVII. Não nos devemos admirar que Santo Tomás sempre encontre uma resposta. Se não tivesse resposta a uma pergunta, ele não a colocaria como pergunta. Nisto se revela a sua profundidade: além da pergunta levantada na “*quaestio*” propriamente dita, encontra ainda tantas questões subordinadas tratadas nos artigos.

⁷⁴ Isto seria o mais lógico ou até obrigatório, se o ponto culminante do artigo fosse o *sed contra*, como Metz quer: aí a razão, chegando à mesma opinião como a auctoritas, deveria dirigir-se à autoridade e entregar-lhe respeitosamente o seu resultado.

⁷⁵ “Se, porém, comparamos, sob este aspecto, a *S.Th.* de S. Tomás com as obras anteriores e especialmente com as Sumas, logo nos convenceremos de que ele atingiu, pela rejeição dos argumentos inúteis, alto grau de concisão, simplicidade, brevidade e clareza. Transferiu também, com grande lucidez, dos argumentos ‘pro’ e ‘contra’ ao ‘*corpus articuli*’, à ‘*responstio [sic!] principalis*’, o centro de gravidade de seus artigos; e isto muito

O *corpus* consiste então em que? O *corpus* é a resposta da razão lógica e teológica à pergunta levantada.

1 - Os *corpus* dos artigos na *S.Th.* são da autoria própria de Santo Tomás. Aí, ele mesmo toma, pela primeira vez, a palavra e fala como crente católico e pesquisador científico. De fato, depois de ter escutado tantas opiniões diversas, o leitor ou ouvinte gostaria de receber uma posição definitiva e explicitada.

A *S.Th.* quer ser um tratado de *teo-logia* ou de ciência teológica, segundo a explicação apresentada na primeira de todas as questões. Logo, o *corpus* do artigo consiste, na maioria dos casos, num raciocínio correto e lógico sobre os dados do conhecimento natural ou sobrenatural. E devido à finalidade pedagógica desta obra e à intencionada clareza e simplicidade, Santo Tomás se limita, também aqui, quase sempre a um só argumento, o argumento mais forte, o mais importante, o melhor e mais perfeito. Santo Tomás procede cautelosamente, esclarece o significado de cada termo, um por um, e em base disto, desenvolve o silogismo que leva à conclusão desejada.⁷⁶

Algumas vezes, Santo Tomás cita realmente várias opiniões dos Padres da Igreja, isto especialmente, quando não há unanimidade entre eles e quando ainda não se chegou a uma solução unânime;⁷⁷ outras vezes, Santo Tomás acha necessário responder partindo de diversos pontos de vistas, como por ex. do ponto de vista do corpo e da experiência, como no nosso artigo de modelo, da alma humana, ou da divindade e humanidade de Cristo, etc.⁷⁸ Com isso, Santo Tomás não se confunde com as opiniões

contribuiu para aumentar a firmeza, a solidez, a profundidade e a luminosidade de sua exposição” (GRABMANN, *Introdução*, XXXVII).

⁷⁶ Por ex. no artigo III, 1, 1, “Utrum fuerit conveniens Deum incarnari” explica que “conveniens” significa segundo a razão de sua própria natureza e que a natureza de Deus é a bondade e esta é comunicação de Si mesmo, de modo que podia concluir: Convém a Deus encarnar-se.

⁷⁷ Por ex. na interpretação da luz no primeiro dia da criação, I, q. 67, a. 4. Normalmente, quando Santo Tomás quer dar atenção às diversas opiniões dos Padres da Igreja, coloca no *corpus* do artigo só a resposta geral, fundamental e segura, e passa a discussão mais extensa de pensamentos periféricos para as respostas às objeções (cf. I, q. 108).

⁷⁸ Se a solução de Santo Tomás cai entre duas posições, então é possível que ele traga também argumentos pro e contra, antes de apresentar sua solução no meio, como por ex. I, q. 13, a. 5 e 10; q. 29, a. 2; q. 32, a. 3; q. 74, a. 1; q. 89, a. 3; q. 97, a. 4; III, q. 53, a. 4 (cf. METZ, *Architektonik*, 112 e nota 258).

e não sai do limite do artigo dado pela pergunta inicial, pois a própria pergunta do artigo já tem esta largura em vista.⁷⁹

Observamos o procedimento de Santo Tomás no *corpus* do nosso artigo modelo.

É sua característica começar a reflexão com o mais evidente, que é o mais comum, ou com os princípios gerais; por ex. o *corpus* do nosso artigo modelo inicia com uma observação sensível imediata, verificável por todos: “Nossos sentidos atestam, com toda a certeza, que neste mundo algumas coisas se movem.”

Depois, logo procede com um princípio universal ou metafísico: “Ora, tudo o que se move é movido por outro. Nada se move que não esteja em potência em relação ao termo de seu movimento; ao contrário, o que move o faz enquanto se encontra em ato.”

A explicação de ato e potência e dos princípios a eles regentes, leva à conclusão, à existência de um ato sem potência, de um “motor não movido” que todos chamam “Deus”.

Este exemplo mostra como Santo Tomás olha, primeiro, ao contexto total e menciona princípios comumente conhecidos, mas não aplicados. Iniciando com uma visão ampla no *corpus*, os argumentos contrários já são relativizados e perdem sua força! Esclarecidos os princípios, pode-se olhar à pergunta concreta e tirar a sua conclusão.⁸⁰

Segue depois, num segundo passo, a aplicação do que visto no primeiro. A respeito disto, Santo Tomás observa no seu comentário à *Metafísica* de Aristóteles: é simples que cada um acerte a verdade enquanto se refere ao início, ou ao que é evidente a todos. Mas, a respeito das conclusões, acontece que muitos erram. Atento a esta fonte de erro, Santo Tomás desenvolve sua força na perfeição dos seus raciocínios. Isto se torna particularmente evidente no *corpus* do artigo. “Nas provas de sua solução, visa antes de tudo, estabelecê-la em sólido fundamento. Procura, em consequência, assentar profundamente as premissas e aclarar todos os princípios de que decorrerá a decisão.”⁸¹

⁷⁹ Cf. por ex. I-II, q. 24, a. 2.

⁸⁰ Exemplos disto são I-II, q. 18, a. 3; q. 18, a. 4; q. 19, a. 4.

⁸¹ GRABMANN, *Introdução*, XXXVII; Lagrange explica o valor do método no *corpus* do artigo de Santo Tomás como sendo a união perfeita entre o método analítico, aplicado especialmente nas pesquisas indutivas e comparativas, e o método sintético, que “começa,

Garrigou-Lagrange, no seu estudo sobre o método de Santo Tomás explicou isto extensamente como ponto central de todo o método de Santo Tomás, especialmente sobre a estrutura dos artigos na *S.Th.*⁸². Ele sublinha: Um momento muito importante é a busca da definição, pois todas as demonstrações das propriedades de alguma coisa são fundadas na definição. “Santo Tomás serviu-se muito bem deste método para encontrar as definições reais e essenciais.”⁸³

O próprio título do artigo já dá dois termos da conclusão, precisamos só encontrar o meio termo, pelo qual se unem os outros dois na conclusão científica. Este *meio termo da demonstração*, que é a definição real⁸⁴, deve-se sempre procurar, orienta o Padre Garrigou-Lagrange. Ele torna-se a *chave de ouro do artigo* e, se são vários, deve-se ver como subsistem em relação ao principal.⁸⁵ Por isso, Santo Tomás dá, geralmente na *S.Th.*, um único argumento direto, formal e do objeto mesmo, ligado ao *medium formale proximum*; mas se ele dá dois ou três argumentos, então indica a razão científica, o motivo porque está argumentando duas ou três vezes.⁸⁶

nas questões, sempre com o universal descendendo ao menos universal, da essência às propriedades, das causas aos efeitos”. Aqui, Lagrange observa: “Id quod verum est in regulis methodi a Cartesio formulatis, iam optime cognovit Angelicus” (GARRIGOU-LAGRANGE, *De methodo*, 516).

⁸² Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, *De methodo*, 507-515. Segundo Lagrange, Santo Tomás segue o ensino de Aristóteles sobre a ciência, cf. o comentário in II Posteriorum Analyticorum I, lect. 1 com as 4 questões científicas (cf. tb. *S.Th.* I, q. 2, a. 2 ad 2^{um}), “an res sit?”, que pressupõe a definição nominal ou vulgar e leva à 2ª pergunta, que é esta: “Quid sit?”, a pergunta pela definição real. Segue “An sit talis?”, que leva à 4ª pergunta pela finalidade, “Propter quid sit (talis)?”

Lagrange indica mais determinações deste proceder neste mesmo comentário do Santo ao cap. VIII, lect. 7 e 8; cap. XII, lect. 13-16 (cf. *ib.*, 507-511).

⁸³ GARRIGOU-LAGRANGE, *De methodo*, 509.

⁸⁴ “Medium formale ... est unicum, est definitio essentialis rei” (GARRIGOU-LAGRANGE, *De methodo*, 513).

⁸⁵ Santo Tomás disse muitas vezes: “Materialiter scita sunt conclusiones; formalis vero ratio sciendi sunt media demonstrationis, per quae conclusiones cognoscuntur” (*S.Th.* II-II, q. 1, a. 1c).

⁸⁶ Cf. *por ex.* I, q. 45, a. 5; GARRIGOU-LAGRANGE, *De methodo*, 513. Aqui se compreende, observa Lagrange (cf. *ibid.*, 514), que a lógica não é usada por si mesma, mas como guia à intuição do meio termo ou do princípio, no qual se vê a verdade da conclusão ou da conclusão principal, se forem várias conclusões o que não acontece raramente.

Sublinhamos com o Padre o valor de memorizar os *meios termos* da argumentação de Santo Tomás; primeiro, porque com eles se é logo capaz de responder à perguntas, se elas surgirem de novo; segundo, porque com um claro termo médio será também clara a solução às objeções, pois na luz deste silogismo é mais fácil fazer distinções; terceiro, porque, com esta base fica-se preparado para outras eventuais objeções e suas respostas.

Isto basta para caracterizar o *corpus* do artigo da *S.Th.*. Seu valor pedagógico é extraordinário. Santo Tomás segue na construção dos seus artigos o progresso natural da mente na pesquisa da verdade, de modo que é fácil seguir os seus raciocínios.

Nenhum rodeio inútil; nenhuma digressão que desconcerte ou moleste. O autor, em razão de seu grande desígnio didático, impõe a si mesmo a ordem e os limites mais estreitos. A solução da questão, seja em uma ou em várias teses ou “conclusões”, é formulada com rigor e precisão e demonstrada, o quanto possível, de maneira clara e convincente. Quando se trata de teses que não comportam semelhantes provas, S. Tomás nota expressamente o caráter puramente provável da argumentação, ou então renuncia definitivamente a respondê-la.⁸⁷

5. As respostas às objeções

Depois de uma argumentação simples e clara no *corpus*, Santo Tomás reassume o debate com os seus alunos ou com os outros autores. Agora é a hora de responder às objeções, ou melhor dito: de justificar, porque não se associou com uma ou outra opinião. “A última parte do artigo apresenta, enfim, a réplica aos argumentos ou objeções, apresentados de início. S. Tomás abre sempre, com razão, esta parte com a fórmula: ‘Ad primum *ergo* dicendum’.”⁸⁸

Queremos sublinhar três momentos nas respostas: em que consistem, como os elementos do artigo se ligam para formar uma verdadeira unidade e o Santo Tomás dialogante nelas.

1 - Primeiro seja observada a importância de conhecer a mencionada “chave” do *corpus*: isto é o ponto neurálgico na facilidade ou dificuldade em ler e entender Santo Tomás. “Se este termo médio é claro, então será

⁸⁷ GRABMANN, *Introdução*, XXXVII.

⁸⁸ GRABMANN, *Introdução*, XXXVI.

também, mais tarde, clara a solução às objeções!”⁸⁹, afirma Garrigou-Lagrange. Esta clareza, graças à fiel aplicação da *lógica*⁹⁰ permite Santo Tomás também de ser, via-de-regra, muito breve nas respostas; algumas vezes só se refere ao *corpus*, como vimos em cima (cf. nota 33), quando nele já foi dito o que deve ser respondido. Por isso, para entender a resposta é inevitável de vez em quando, não só ler as objeções, mas até ler de novo o *corpus*.⁹¹ Em todos os casos, nunca deixou uma objeção sem resposta, tampouco se contentou somente com a simples referência ao *sed contra*.

- A referência ao *corpus* nas respostas é um indício à união de todo o artigo. Porque, se normalmente Santo Tomás quer tratar no *corpus*, só um argumento, ele calcula e aproveita muitas vezes as respostas para alargar a visão sobre o assunto ou para completar sua argumentação. É a possibilidade de mostrar ainda outros pontos de vista estimulados pelas objeções. Também podemos dizer: na luz do silogismo no *corpus* é mais fácil fazer outras distinções e até levantar ainda outras objeções e respondê-las, como se fez nos manuais da Escolástica depois de Santo Tomás (por ex. os “corollaria” dos Salamancenses). Isto aponta, de novo, à unidade do artigo e permite certa reconstrução da sua origem. Santo Tomás viu a pergunta principal e a melhor resposta, que constituiu o *corpus* à luz do *sed contra*; ao redor deste centro agrupou outros aspectos e argumentos, *pro e contra*, que levou a formular as objeções e suas respostas. Desta maneira, a estrutura do artigo permite uma diferenciação na doutrina sem perder a clareza e a transparência no ensino.

Esta união no artigo esclarece também que as objeções e respostas não formam tanto uma confrontação com várias opiniões. É muito mais uma procura comum da única verdade. Por isso pode até acontecer que existam artigos, como por ex. *S.Th.* II-II, q. 88, a. 9, nos quais Santo Tomás, de princípio, confirme todas as posições apresentadas nas objeções e

⁸⁹ GARRIGOU-LAGRANGE, *De methodo*, 514.

⁹⁰ “Además, el uso de la Lógica, incluso reflexivamente, es evidente en cada paso de la filosofía y de la teología, y a veces de manera muy particular, cuando se trata de rabatir una argumentación (las respuestas al final de los artículos son interesantes bajo este aspecto)” (VANSTEENKISTE, *Metodo*, 107).

⁹¹ Por isso, afirma White, com muita razão, que nós “não devemos apenas ler as conclusões, mas lê-las à luz das definições dos termos e premissas” (V. WHITE, *How to study. The Letter of St. Thomas Aquinas to Brother John - De Modo Studendi*, Aquin Press, London ⁸1960, 26).

observa apenas que eles julgam sobre toda a questão de um único ponto de vista, isto é, generalizem demasiado e rapidamente a partir de um aspecto particular.

3 - Isto nos leva a uma terceira observação: as respostas no artigo da *S.Th.* são uma verdadeira e última revelação de Santo Tomás como dialogante. Aqui ele não mais escuta, mas responde, e responde numa maneira muito objetiva, sóbria e nobre. “A crítica das idéias científicas de outrem, feita pelo Doutor angélico, é sempre extraordinariamente calma, doce e estritamente impessoal.”⁹²

Primeiro, Santo Tomás procura o debate com todos; ele tenta falar com cada um segundo a sua crença: com os judeus discute na base do AT, com os heréticos com a autoridade do NT e com os pagãos ou com aqueles que não aceitam a Sagrada Escritura, discute na base da razão.⁹³ Segundo, ele age com muita disciplina respondendo a uns, explicando a doutrina a outros, questionando os que contradizem e mostrando-lhes seus caminhos errados.⁹⁴

Os silogismos claros de Santo Tomás fizeram-nos perguntar como ele vai refutar objeções tão claramente postas. Conhecendo a sua argumentação no *corpus* do artigo e seguindo a aplicação às objeções, encontramos o caminho à verdade plena.

IV. Santo Tomás de Aquino como Mestre qualificado para todos os tempos

Pergunta-se, então, será que Santo Tomás não seria um bom mestre para o nosso tempo, formando homens com a clara meta de querer descobrir a verdade com dedicação e mostrá-la a todos com amor?

Já o método da obra e a maneira de ser da pessoa de Santo Tomás são uma luz para as necessidades de hoje: A intenção de Santo Tomás era ouvir e repetir (nas objeções e nos *sed contra*), refletir e decidir (no *corpus*), confrontar, confirmar e verificar (nas *respostas*).

Para estimar o valor de um método, escondido atrás do silêncio sejam, em fim, destacados alguns aspectos.

⁹² GRABMANN, *Introdução*, XXXVIII.

⁹³ Cf. *S.Th.* II-II, q. 10, a. 7 e *S.c.G.* I, 2.

⁹⁴ Cf. ELDERS, *Der Dialog*, 54.

1. O valor objetivo do método no artigo da *S.Th.*

Temos primeiro o valor objetivo e uma importância doutrinal do método no artigo da *S.Th.*.

1 - Primeiro deve-se constatar que Santo Tomás conseguiu realizar o seu propósito no prólogo, seja pela divisão de toda a matéria da Sagrada Teologia em questões e ainda mais em artigos bem determinados, evitando repetições⁹⁵, seja pela fiel observância da estrutura do artigo em toda a *Suma*:

Toda a estrutura dos artigos da *Suma Teológica* manifesta, pois, os esforços que fez o santo doutor para evitar a “multiplicação de argumentos inúteis” ... A simplicidade, a concisão, a clareza, a mais estrita objetividade são, portanto, as qualidades de método peculiares à *Suma Teológica*.⁹⁶

2 - Um segundo aspecto leva a uma consequência mais profunda. O estilo de pergunta e resposta que é catequético e realmente para iniciantes, ajuda não só por ser breve. Ele permite, convida ou até esforça o leitor ou o ouvinte a pensar sobre a pergunta assim como sobre a solução oferecida, e depois ainda, sobre a confrontação das opiniões nas respostas. Isto estimula a uma participação muito mais consciente e viva do que um simples tratado do tema, como é frequente hoje nas universidades quando se apresentam temas com simples “leitura” dos tratados. Observou uma vez Josef Pieper: “No fundo, o *articulus* escolástico não é muito distante do diálogo de Platão”⁹⁷.

3 - Finalmente, a consequência mais profunda, é a evidência da verdade que Santo Tomás procura, entre tantas opiniões. Esta, pela lógica no *corpus* e nas respostas no fim leva ao clarão do dia. Devido a este esquema, a riqueza interna do artigo permite a existência de um caminho

⁹⁵ Cf. GRABMANN, *Introdução*, XLV-XLVII.

⁹⁶ GRABMANN, *Introdução*, XXXVIII. “Guilherme de Tocco (*Vita*, cap. 17), o biógrafo e discípulo do santo, tem razão para louvar, no ensino de seu célebre mestre, o ‘modus dicendi compendiosus, apertus et facilis’; estas qualidades didáticas pertencem eminentemente à *Suma Teológica*: a expressão simples, clara, precisa, exatamente molda sobre o pensamento, que caracteriza os escritos de S. Tomás e, em particular a *Suma Teológica*, evidencia-as com muita clareza” (*ibid.*). Pode ser que também a disposição natural ajudasse Santo Tomás para conseguir tão fielmente esta regra, pois Josef Pieper observa: “A dinâmica interna dos *articuli* latinos de Santo Tomás faz pensar no seu modo, também no tempo do falar sul-italiano: rápido e muito enérgico” (PIEPER, *Werke* 2, 162).

⁹⁷ PIEPER, *Werke* 2, 226.

entre o *dogmatismo* estéril, teimoso e fanático e o *relativismo* amorfo, indiferente e sem face; entre um dogmatismo estéril se o artigo constasse só de “*sed contra*” e um relativismo amorfo se o artigo constasse só de opiniões sem *corpus* e sem respostas.⁹⁸ Garrigou-Lagrange avalia, partindo do método, as consequências doutrinárias:

A posição de Santo Tomás, se é corretamente compreendida, aparece como o justo meio e cume entre o *empirismo dos nominalistas*, que se servem de uma certa objetividade da experiência, mas sem a necessidade e universalidade da ciência, e o *idealismo dos conceitualistas ou subjetivistas*, que se servem de uma certa necessidade e universalidade da ciência, mas sem valor ontológico, isto é, sem verdadeira objetividade.⁹⁹

Então, somente o modo de proceder já liberta Santo Tomás da rede das correntes temporárias e dá aos seus tratados valor perene. Com muita razão, Pe. V. White, em sua breve referência ao nosso tema, conclui assim:

Here we see the value and importance of the “scholastic method” with its “dubia”, its “Videtur quod non”, “sed contra” and “responsio”; its distinctions, sub-distinctions and contra-distinctions: the place which should be occupied ... by the disputation. It is essential to our own intellectual advancement; no less essential when, in our mission or preaching and teaching, we have to converse with other minds.¹⁰⁰

2. O valor subjetivo do método no artigo da S.Th.

A consciência de tais importantes consequências doutrinárias, de um determinado método, nos obriga-nos a refletir sobre o laço entre este método e o homem. Será que este método terá também consequências importantes no estudante e no homem pesquisador?

1 - Aplicando este método, o homem deve, primeiro, vencer a aversão ao bem comum, muito mais forte no nosso tempo de liberdade, contra qualquer esquema ou estereótipo da apresentação, p.ex. a “fórmula este-reotipada ‘Sed contra’”.¹⁰¹ Qualquer método significa um regime e uma

⁹⁸ GRABMANN observa (implicitamente) um fenômeno ainda no tempo anterior a Tomás: “Nos autores precedentes, o artigo gravita em torno dos argumentos pró e contra, que se amontoam muitas vezes em número considerável. ... A ‘solutio’ desempenha então um papel obscuro e cabe, não raro, em única frase” (GRABMANN, *Introdução*, XXXVII).

⁹⁹ GARRIGOU-LAGRANGE, *De methodo*, 514; cf. *In Metaph.* II, l. 1; Ma 281.

¹⁰⁰ WHITE, 27s.

¹⁰¹ GRABMANN, *Introdução*, XXXVI.

restrição da liberdade imediata, mas, o que vale em todos os passos da vida cotidiana pessoal ou profissional, vale ainda mais na área invisível, espiritual: “Não há uma procura da verdade sem método”¹⁰² condicionado pela constituição de alma e corpo do homem.

A submissão ao método é que leva o homem à liberdade, não à liberdade absoluta ou como tal, mas sim à liberdade e felicidade na aplicação do método correto, de modo que o praticante quase não presta mais atenção ao método, mas emerge totalmente na busca do conhecimento e do amor novo que se anuncia.¹⁰³

Já o exercício de abrir-se, seja para uma regra objetiva na busca da verdade, seja para uma pessoa num debate, é um livrar-se da convulsão em si - no ego, e então um passo ao encontro da liberdade!¹⁰⁴

2 - O essencial do método de Santo Tomás é o diálogo, o debate, a conversa. Isto é hoje tanto desejado, quanto o método é recusado. A juventude de sempre e, em particular, o homem democrático de hoje quer ser ouvido, quer participar em quase tudo e contribuir com as suas observações pessoais e, algumas vezes, quer apenas provocar com objeções. Santo Tomás oferece abundante espaço para tal participação, como também satisfaz uma outra exigência forte da juventude, a autenticidade da-quele que quer lhes ensinar. Santo Tomás é um professor que não foge a nenhum argumento e não hesita em expor as suas opiniões à discussão. Josef Pieper pensa até que, aqui, se revela a Santidade do Aquinato:

Um fruto de caridade, mesmo de simpatia amorosa ao estudante, de identificação amorosa daquele que ensina com o estudante... Deste fruto recebeu em alto grau Santo Tomás; e penso, a frescura da expressão e a simplicidade clássica da dicção (como se encontra num livro para iniciantes) explicam-se com isto.¹⁰⁵

3 - É o método e a pessoa de Santo Tomás, aplicados nos artigos da *S.Th.*, que dispõem os seus alunos e leitores, ou seus contraentes, a abrir-se às exigências do diálogo: pelo exemplo constante nos artigos, o seu leitor

¹⁰² HAAS, em: IGNATIUS VON LOYOLA, *Geistliche Übungen*, Herder, Freiburg 1967, 128.

¹⁰³ *Ibid.*

¹⁰⁴ Martin GRABMANN (*Die scholastische Methode* 2, 349ss) observa que o debate não dá espaço para homens egocêntricos; o debate separa aqueles que querem ser conhecidos (“sciri”) daqueles que querem conhecer (“scire”).

¹⁰⁵ PIEPER, *Werke* 2, 239s.

aprende que o dialogante deve sinceramente procurar a verdade e contar com a sua manifestação em todos os momentos e lugares e em todas as pessoas, mesmo se elas apenas colocam perguntas.¹⁰⁶ Para isso, ele deve estimar e escutar cada homem, respeitar a posição do partilhante e tentar entendê-lo. No processo de cada artigo, das objeções às respostas, percebe-se, como num diálogo, que cada um deve formar a sua opinião e explicá-la, deve expressar-se com o risco de envergonhar-se e deve estar disposto a renunciar à própria opinião e, se for necessário, a corrigir-se;¹⁰⁷ deve-se confrontar a opinião pessoal com a dos outros e discutir, verificar e explicar porque não se conforma com as opiniões dos outros, mas fica com a sua própria. Isso exige e manifesta humildade, amor e veracidade!¹⁰⁸ No diálogo, o mestre e o aluno se aproximam. Ao mesmo tempo, o espírito de competição é estimulado pela troca de perguntas e respostas, objeções e soluções. No diálogo despertam-se a atividade cognitiva, a perspicácia do intelecto e a capacidade dos alunos em responder prontamente, a facilidade de captar e examinar os pensamentos alheios, de discernir a verdade e o erro nas suas últimas ramificações e se adquire a forma lógica e correta de expressar-se.

O diálogo metódico de Santo Tomás traz um grande proveito para a formação da personalidade.

3. O valor atual e permanente do método no artigo da S.Th.

Iniciamos a nossa reflexão dizendo que, em certo sentido, hoje se discute muito, mas as longas e frequentes discussões deixam-nos insatisfeitos. Seja porque perdemos em problemas particulares, seja porque falta a capacidade para chegarmos à luz da verdade. Como não é solução renunciar a uma conversa, então só há um caminho, aprender dialogar.

Os debates ajudariam a contatar com os diversos ramos das ciências e a ampliar o horizonte. Mas uma linguagem comum ainda não resolve tudo. Também não basta apenas ouvir o outro, compreendê-lo e respeitá-lo, e, contudo, evitar certos temas, contentando-se com a tolerância a custo da “traição da verdade por respeito humano”. O que falta são regras de debate

¹⁰⁶ Cf. Santo Tomás em cima sobre as objeções (pág. 246-47) ou a Regra de São Bento, cap. 71.

¹⁰⁷ Cf. ELDERS, *Der Dialog*, 35.

¹⁰⁸ Cf. GRABMANN, *Die scholastische Methode* 2, 20s.

que permitam ser-se justo para com todos e, apesar disto, alcançar a verdade objetiva e universal.¹⁰⁹

Aí surge a necessidade do recurso ao *Doctor universalis*, cujo método de pesquisa apresentamos aqui. Afirmo o grande conhecedor de Santo Tomás:

Imagine-se o artigo, sem a poeira do passado, ele seria, creio, até algo excitante: um problema atual sendo formulado como pergunta, depois seriam mencionadas, em forma muito precisa e brevíssima, as dificuldades, os verdadeiros e fortes argumentos contrários; seguir-se-ia uma resposta clara e apresentação ordenada; por fim, partindo desta resposta sistemática, uma resposta exata aos argumentos contrários - e tudo isso comprimido no espaço de uma ou duas páginas de impresso, como acontece no *articulus* escolástico do grande tempo; algo mais vivo, porém, mais exigente para o autor seria quase impensável!¹¹⁰

Perguntou Carlos Josaphat no seu “Prefácio à tradução Brasileira” à *S.Th.*: “Não se poderia apostar razoavelmente que, mais ainda do que ontem, Tomás de Aquino será atual hoje e amanhã?”¹¹¹ Sertillanges responde: “Persisto, pois, em recomendar aos jovens intelectuais que me lêem: estudaí Santo Tomás; ele é o homem deste tempo.”¹¹² E parecendo também responder a tal pergunta, lembrou João Paulo II na ocasião do centenário da encíclica *Aeterni Patris*: “Leão XIII falou do ‘primado pedagógico do Aquinate’, propondo-o ‘aos docentes e estudantes de filosofia e teologia’ como ‘modelo incomparável de pesquisador cristão’.”¹¹³

Titus Kieninger ORC

¹⁰⁹ Cf. PIEPER, *Werke* 2, 232s.

¹¹⁰ PIEPER, *Werke* 2, 226. Pode-se observar que nos documentos atuais do Magistério ou do Papa João Paulo II segue-se este método: Inicia-se com uma análise do tempo que levanta os problemas a serem resolvidos. Segue-se a doutrina da revelação e a mensagem, e conclui-se com respostas práticas para orientar os fiéis neste tempo presente, quer dizer, para dar respostas aos seus problemas ou às suas objeções à verdade.

¹¹¹ *Suma teológica*, Ed. Loyola - São Paulo, vol. 1, 2001, 17.

¹¹² A.D. SERTILLANGES, *A vida intelectual*, 127. “Em comparação da água barrenta que nos servem, ele é manancial límpido. Superadas as primeiras dificuldades da maneira de expor arcaica, Santo Tomás tranquiliza o espírito, estabelece-o na claridade plena e oferece-lhe quadro maleável e forte para as ulteriores aquisições.” (*Ibid.*).

¹¹³ JOÃO PAULO II, Discurso de 18 de novembro de 1979, em: *L'Osservatore Romano* (ed. port.) 19-20 de nov. de 1979, n. 4; cf. n. 6.